Os episodios maravilhosos de Fátima

— PELO —

VISCONDE DE MONTELLO

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

1921
Casa Editora
EMPRESA VERITAS

Comp. e imp. na typographia
a *Empresa Veritas*—Guarda Of-
ficinas movidas a electricidade.

Os episodios maravilhosos de Fátima

PELO

VISCONDE DE MONTELLO

AS APPARIÇÕES DE FÁTIMA

O INTERROGATORIO DOS VIDENTES

OS PHENOMENOS ASSOMBROSOS DE 13 DE OUTUBRO DE 1917

UMA CURA EXTRAORDINARIA

O DIA 13 DE OUTUBRO DE 1919

A MORTE DA VIDENTE JACINTA DE JESUS MARTO

A GRANDIOSA PEREGRINAÇÃO DE 13 DE MAIO 1920

Exmo e Rev.^mo Sr. Bispo da Guarda

Fernando Paes de Figueiredo, proprietario da «Empresa Veritas», desejando publicar um folheto intitulado «Os episodios maravilhosos de Fatima»

Pede a V. Ex.ª Rev.ma a necessaria auctorisação se assim o julgar conveniente.

Guarda, 19 de maio de 1921.

Conego Fernando Paes de Figueiredo.

Nomeamos censor o M. R. Dr. Manuel Mendes do Carmo, Conego da Nossa Sé.

Guarda, 19 de Maio de 1921.

† JOSÉ, Bispo da Guarda.

Exmo e Rev.^mo Sr.

No cumprimento da missão que V. Ex.ª Rev.^ma se dignou confiar-me, li o opusculo intitulado «Os episodios maravilhosos de Fatima». Apreciando, já em tempos de camaradagem universitaria, a sciencia solida e a solida piedade do seu auctor, verifiquei que no citado opusculo nada ha contra a Fé ou contra a Moral. Repassa-o num accentuado perfume de confiança na Immaculada Virgem Maria, que só poderá fazer bem ás almas que o lerem.

Não pretendendo o seu auctor dizer a ultima palavra scientifica sobre a validade ou caracter sobrenatural dos factos de Fatima, faz todavia um depoimento consciencioso que ajudará a esclarecer a sua natureza objectiva.

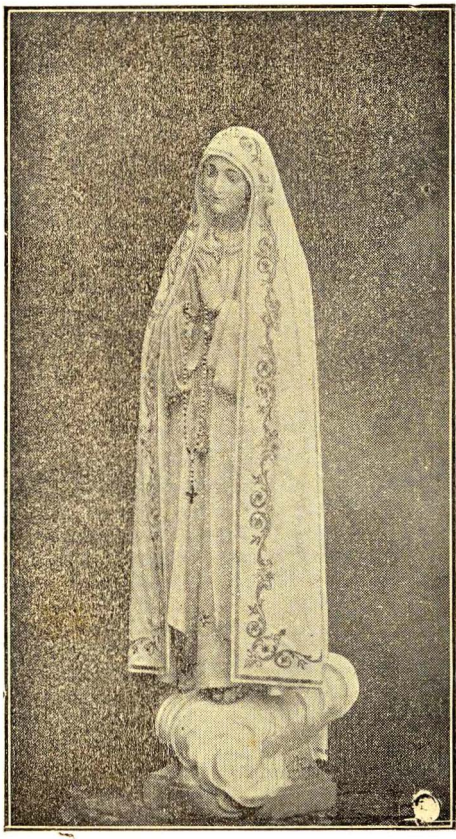
Guarda, 9 de Junho de 1921.

Dr. Mendes do Carmo.

Imprima-se.

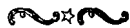
Guarda, 10 de junho de 1921.

† JOSÉ, Bispo da Guarda.



NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

AS APPARIÇÕES DE FÁTIMA



Na manhã do dia treze de Maio de 1917 um menino e duas meninas andavam apascentando, como era seu costume, um pequeno rebanho de ovelhas, pertencente a suas familias, numa propriedade da serra de Minde, situada na freguezia de Fátima, concelho de Villa Nova d'Ourem, districto de Leiria.

A mais velha das tres creanças, de nome Lucia de Jesus, era filha de Antonio dos Santos, que falleceu no anno seguinte, e de Maria Rosa dos Santos, e contava dez annos de edade. O menino e a outra menina, que eram irmãos, chamavam-se Francisco e Jacinta, tendo aquelle nove annos e esta sete annos de edade. Foram seus paes Manuel Pedro Marto e Olympia de Jesus Marto. Eram primos da Lucia. As habitações das duas familias, que, não sendo ricas, possuiam comtudo alguns bens de fortuna, ficavam proximas uma da outra no lugar de Aljustrel, a cerca de um kilometro da egreja parochial de Fátima. Nenhuma das creanças sabia ler nem escrever. A sua instrucção religiosa era ainda muito rudimentar. Só a Lucia tinha feito a primeira communhão.

Approximava-se naquelle memoravel dia a hora do meio-dia astronomico. Segundo o seu costume, as tres creanças, depois de se terem occupado durante bastante tempo nos seus innocentes divertimentos, puzeram-se a rezar o terço do Rosario, devoção muito querida dos habitantes daquella freguezia. Apenas tinham acabado de o recitar, quando viram de repente brilhar no espaço, a pequena distancia dellas, a claridade fulgurante de um relampago e apparecer quasi simultaneamente, sobre a copa de uma pequena azinheira, um vulto radioso e encantador de

mulher, de extraordinaria belleza. Assustadas com um successo tão insolito e tão inesperado, pensaram em fugir, mas logo as tranquillisou completamente a attitude benevola da Apparição, que numa voz dulcissima prometteu que não lhes faria mal algum.

A Apparição parecia não ter mais de dezoito annos de edade. O vestido era de uma alvura purissima de neve, assim como o manto, orlado de ouro, que lhe cobria a cabeça e a maior parte do corpo. O rosto, de uma nobreza de linhas irreprehensivel e que tinha um não sei quê de sobrenatural e divino, apresentava-se sereno e grave e como que toldado de uma leve sombra de tristeza. Das mãos, juntas á altura do peito, pendia lhe, rematado por uma cruz de ouro, um lindo rosario, cujas contas, brancas de arminho, pareciam perolas, De todo o seu vulto, circumdado de um esplendor mais brilhante que o do sol, irradiavam feixes de luz, especialmente do rosto, de uma formosura impossivel de descrever e incomparavelmente superior a qualquer belleza humana.

Entre a Apparição e a Lucia estabeleceu-se um dialogo, que durou cerca de dez minutos.

A Jacinta via a Apparição e ouvia distinctamente as palavras que ella pronunciava dirigindo-se á Lucia, mas nunca lhe fallou nem a Apparição lhe dirigiu a palavra. O Francisco só via a Apparição, não ouvindo nunca o que ella dizia á Lucia, apesar de se encontrar á mesma distancia e de possuir um excellente ouvido.

A Apparição convidou nesse dia os tres pastorinhos a voltarem todos os meses no dia treze, durante seis meses consecutivos, áquelle local, vulgarmente conhecido pelo nome de Cova da Iria e situado a pouco mais de dois kilometros da egreja parochial de Fátima, ao lado da estrada districtal de Villa Nova d'Ourem á Batalha. A principio ninguem prestava credito ás affirmações das creanças, que eram apodadas de mentirosas por toda a gente, mesmo pelas pessoas de suas familias. A 13 de Junho umas cincoenta pessoas acompanharam os videntes ao local das apparições, na esperança de presenciarem o que quer que fosse de extraordinario. Nos meses seguintes o concurso de curiosos e devotos augmentou consideravelmente, reu-

nindo-se talvez cinco mil pessoas em Julho, dezoito mil em Agosto e trinta mil em Setembro junto da azinheira sagrada.

No momento em que se verificava a apparição, innumeros signaes mysteriosos, de que muitas pessoas fidedignas dão testemunho, se succediam uns após outros na atmosphera e no firmamento.

A Apparição recommendou insistentemente que todos fizessem penitencia e rezassem o terço do Rosario. Communicou ás creanças um segredo, que não podiam revelar a ninguem. Prometteu-lhes o Ceu.

Pediu que naquelle local se erigisse uma capella em sua honra e declarou que no dia treze de Outubro havia de fazer um milagre para que todo o povo acreditasse que ella realmente tinha alli apparecido. Em treze de Agosto, momentos antes da hora da apparição, as creanças foram ardilosamente raptadas pelo administrador do concelho, que as reteve em sua casa durante dois dias, ameaçando-as de morte se não se desdissessem ou pelo menos não revelassem o segredo que a Apparição lhes tinha confiado.

Nesse mês a apparição teve logar no dia dezanove, no sitio chamado dos Vallinhos, quando as creanças já não pensavam que ella se verificasse senão no mês seguinte. No dia treze de Outubro, estando presentes cerca de setenta mil pessoas de todas as classes e condições sociaes e de todos os pontos do paiz, terminado o dialogo entre a Lucia e a Apparição, que lhe declarou ser a Senhora do Rosario, a vidente recommendou aos circumstantes que olhassem para o sol. O firmamento estava completamente nublado. Chovia torrencialmente.

Como que por encanto rasgaram-se de repente as nuvens, e o sol no zenith appareceu em todo o seu esplendor e girou vertiginosamente sobre si mesmo como a mais bella roda de fogo de artificio que se possa imaginar, revestindo successivamente todas as cores do arco-iris e projectando feixes de luz de um effeito surprehendente.

Esse espectaculo sublime e incomparavel, que se repetiu por tres vezes distinctas, durou cerca de dez minutos. A multidão immensa, rendida perante a evidencia de tamanho prodigio, prostrou-se de joelhos, o *Credo*, a **Avé**

Maria e o acto de contrição irromperam de todas as boccas e as lagrimas, lagrimas de alegria, de gratidão ou de arrependimento, marejaram todos os olhos.

Toda a imprensa, inclusivamente a de grande circulação, se referiu, em termos respeitosos e com bastante desenvolvimento, aos assombrosos acontecimentos de Fátima. As apreciações desses factos, mesmo no campo catholico, não foram unanimes. As affirmações das creanças relativas ao proximo fim da grande guerra europeia contribuiram para essa divergencia de opiniões. Mas apesar disso, de anno para anno, a devoção a Nossa Senhora do Rosario de Fátima augmenta e propaga-se por toda a parte. O concurso de peregrinos é cada vez maior e verifica-se especialmente no dia treze de cada mês, nos Domingos, nos dias consagrados á Santissima Virgem, e, mais do que nunca, no dia treze de Maio e no dia treze de Outubro de cada anno.

As graças e curas prodigiosas atribuidas á intercessão de Nossa Senhora do Rosario de Fátima são innumeras. Debalde os representantes da auctoridade civil envidaram todos os esforços para pôr termo á torrente caudalosa e incessante das multidões attrahidas pela voz humilde de tres innocentes pastorinhos.

A intolerancia e a perseguição tiveram apenas, como sempre, o effeito de tornar mais viva e intensa a fé e a piedade dos crentes. A concorrencia de devotos, vindos de todos os pontos de Portugal, continúa a ser cada vez mais numerosa, mais fervente, mais perseverante, e parece não haver forças humanas capazes de lhe pôr embargo. A auctoridade ecclesiastica, que iniciou o respectivo inquerito, ainda não ultimou os seus trabalhos, que são de sua natureza difficeis e demorados, nem proferiu o seu *veredictum*, que nos cumpre acatar, qualquer que elle venha a ser.

Emquanto aguardamos esse *veredictum*, procuremos viver como bons christãos, cumprindo estrictamente todos os nossos deveres, façamos penitencia dos nossos peccados e rezemos com fervor o terço do Rosario, essa devoção tão querida de todos portugueses, para que Nossa Senhora do Rosario, se Ella effectivamente appareceu em Fátima, se digne dissipar todas as duvidas e tornar esse facto superior a toda a contestação de boa fé.

Os tres videntes de Fátima

Francisco, Lucia e Jacinta

INTERROGATORIO DOS VIDENTES [1]

(27 DE SETEMBRO DE 1917)

No intuito de completar as impressões colhidas no dia treze do corrente mês de Setembro e habilitar-me com os elementos indispensaveis para fundamentar tanto quanto possivel um juizo seguro ácerca dos acontecimentos que nos ultimos cinco mêses se teem desenrolado a tres kilometros ao sul da aldeia de Fatima, no local denominado Cova da Iria, fui pela segunda vez na quinta-feira ultima, vinte e sete, áquella pitoresca aldeia, graciosamente alcandorada num dos contrafortes da magestosa serra de Minde.

Eram tres horas da tarde quando me apeei do trem que de Torres Novas me conduzira por Villa Nova d'Ourem á humilde povoação cujo nome é hoje pronunciado como uma promessa de bençãos e graças celestes por dezenas de milhares de labios de um extremo ao outro de Portugal. O reverendo Parocho, a quem logo procurei, não estava em casa: tinha sahido para fóra da freguezia e só á noite devia voltar.

Pesaroso por não poder trocar com elle algumas palavras sobre o assumpto que alli me levava, resolvi ir a casa das creanças favorecidas com apparições da Virgem Santissima e ouvir da bocca dellas a narrativa pormenorisada dos estranhos successos, cuja noticia tem attrahido dia a dia á Fatima um sem numero de pessoas de todas as classes e condições sociaes.

A' distancia de dois kilometros da egreja parochial e do presbyterio, num insignificante logarejo chamado Aljustrel, pertencente á freguezia, ficam situadas as modestas habitações das familias dos pastorinhos.

As duas creanças mais novas estavam ausentes. Dirigi-me a casa da mais velha, onde a mãe me convidou a

---

1 Reproduzo este interrogatorio dos videntes, sem alteração de uma virgula, exactamente como o redigi, no dia 29 de Setembro de 1917, em face das notas tomadas

entrar e sentar-me, convite a que accedi. A uma pergunta minha sobre o paradeiro da filha, que eu procurava, respondeu-me que ella andava a vindimar numa pequena propriedade que lhe pertencia e que ficava dois kilometros distante.

Alguem se prestou logo a ir chamá-la de ordem da mãe. Entretanto as duas creanças mais novas, que tinham regressado do campo, sabendo pelas visinhas que eu lhes desejava falar vieram, ter comigo.

São dois irmãos, um menino e uma menina. Chegou primeiro a menina.

Chama-se Jacinta de Jesus, tem sete annos de edade e é filha de Manuel Pedro Marto e de Olympia de Jesus. Bastante alta para a sua edade, um pouco delgada sem se poder dizer magra, de rosto bem proporcionado, tez morena, modestamente vestida, descendo-lhe a sáia até á altura dos artelhos, o seu aspecto é o de uma creança saudavel, accusando perfeita normalidade no seu todo physico e moral. Surprehendida com a presença de pessoas estranhas que me tinham acompanhado e que não esperava encontrar, a principio mostra um grande embaraço, respondendo por monosyllabos e num tom de voz quasi imperceptivel ás perguntas que eu lhe dirijo. Momentos depois apparece o irmão, rapaz de nove annos de edade, que entra com um certo desembaraço no quarto, onde estavamos, conservando o barrete na cabeça, decerto por não se lembrar de que devia descobrir-se. Um signal que a irmã lhe fez nesse sentido não foi percebido por elle. Convidei-o a sentar-se numa cadeira ao meu lado, obedecendo immediatamente e sem nenhuma reluctancia.

Principiei sem demora a interrogá-lo sobre o que tinha visto e ouvido desde o mês de Maio ultimo na Cova da Iria no dia treze de cada mês durante o tempo da apparição.

Entre mim e elle estabeleceu-se o curto dialogo que segue.

—Que é que tens visto na Cova da Iria nos ultimos mêses?

—Tenho visto Nossa Senhora.

—Onde é que ella apparece?

—Em cima duma carrasqueira.

—Apparece de repente ou tu vê-la vir de alguma parte?

—Vejo-a vir do lado onde nasce o sol e collocar-se sobre a carrasqueira.

—Vem devagar ou depressa?

—Vem sempre depressa.

—Ouves o que ella diz á Lucia?

—Não ouço.

—Fallaste alguma vez com a Senhora? Ella já te dirigiu a palavra?

—Não, nunca lhe perguntei nada; falla só com a Lucia.

—Para quem olha, tambem para ti e para a Jacinta ou só para a Lucia?

—Olha para todos tres; mas olha durante mais tempo para a Lucia.

—Já alguma vez chorou ou se sorriu?

—Nem uma cousa nem outra; está sempre séria.

—Como está vestida?

—Tem um vestido comprido e por cima um manto que lhe cobre a cabeça e desce até á extremidade do vestido.

—Qual é a côr do vestido e do manto?

—E' branca, tendo o vestido riscos dourados.

—Qual é a attitude da Senhora?

—E' a de quem está a rezar. Tem as mãos postas á altura do peito.

—Traz alguma cousa nas mãos?

—Traz entre a palma e as costas da mão direita umas contas que estão pendentes sobre o vestido.

—E nas orelhas o que tem?

—As orelhas não se vêem, porque estão cobertas com o manto.

—De que côr são as contas?

—São tambem brancas.

—A Senhora é bonita?

—E', sim.

—Mais bonita do que aquella menina que tu alli vês?

—Mais.

—Mas ha senhoras muito mais bonitas que aquella menina...

—E' mais bonita que qualquer pessoa que eu visse.

Concluido o interrogatorio do Francisco, chamei de parte a Jacinta, que andava a brincar na rua com outras creanças, fi-la sentar num banquinho ao pé de mim e submetti-a tambem a um interrogatorio, logrando obter della respostas completas e minuciosas como as do irmão.

—Tens visto Nossa Senhora no dia treze de cada mês desde Maio para cá?

—Tenho visto.

—Donde é que ella vem?

—Vem do ceu, do lado do sol.

—Como está vestida?

—Tem um vestido branco, enfeitado a ouro, e na cabeça um manto tambem branco.

—De que côr são os cabellos?

—Não se lhe vêem os cabellos, que estão cobertos com o manto.

—Traz brincos nas orelhas?

—Não sei, porque tambem não se lhe vêem as orêlhas.

—Qual é a posição das mãos?

—As mãos estão postas á altura do peito, com os dedos voltados para cima.

—As contas estão na mão direita ou na mão esquerda?

A esta pergunta a creança responde primeiro que estavam na mão direita, mas em seguida, devido a uma insistencia propositada e capciosa da minha parte, mostra-se perplexa e confusa, não sabendo precisar bem qual das suas mãos correspondia á mão com que a Apparição segurava o rosario.

—O que foi que Nossa Senhora recommendou á Lucia com mais empenho?

—Mandou que rezassemos o terço todos os dias.

—E tu réza-lo?

—Rezo-o todos os dias com o Francisco e com a Lucia.

Meia hora depois de terminado o interrogatorio de Jacinta de Jesus, apparece Lucia de Jesus. Vinha, como já disse, de uma pequena propriedade de sua familia, situada a dois kilometros de distaneia, onde tinha estado a vindimar.

Mais alta e mais nutrida que as outras duas creanças, de tez mais clara, robusta e saudavel, apresenta-se deante de mim com um desembaraço que contrasta singularmente com o acanhamento e a timidez excessiva da Jacinta. Singelamente vestida como esta, a sua attitude não denota e o seu rosto não traduz nenhum sentimento de vaidade nem tão pouco de confusão.

Sentando-se, a um aceno meu, numa cadeira, ao meu lado, presta-se da melhor vontade a ser interrogada sobre os acontecimentos de que ella é a principal protagonista, sem embargo de se sentir visivelmente fatigada e abatida, mercê das visitas incessantes que recebe e dos inqueritos repetidos e prolongados a que é submettida.

Filha de Antonio dos Santos, de cincoenta annos de edade, e de Maria Rosa, de quarenta e oito annos, tem um irmão e quatro irmãs, todos mais velhos do que ella: Maria, de vinte e seis annos, já casada, Theresa de vinte e quatro, Manuel, de vinte e dois, Gloria, de vinte, e Carolina, de quinze. Completou dez annos de edade em vinte e dois de março do corrente anno. Tinha oito annos quando fez a sua primeira communhão. A mãe, typo da mulher christã e da boa dona de casa, entregue ás lides domesticas, procurou sempre inspirar aos filhos o santo temor de Deus e levá-los ao cumprimento de todos os seus deveres moraes e religiosos. Altamente preoccupada com os successos que attrahem a todo o momento as attenções de milhares de pessoas para a sua pobre habitação, até ha pouco tempo ignorada do mundo, nota-se desde logo que o seu espirito hesita, numa anciedade inquieta, entre a esperança de que sua filha seja realmente privilegiada com a apparição da Virgem e o receio de que ella seja victima de uma allucinação que lhe traga desgostos e cubra de ridiculo toda a sua familia. A uma pergunta minha ácerca da piedade da sua Lucia, responde que não acha nella nada de extraordinario neste particular, vendo-a rezar da mesma fórma e com o mesmo fervor que antes das apparições, exactamente como fazem as suas irmãs. Dou principio ao interrogatorio da vidente.

—E' verdade que Nossa Senhora te tem apparecido no local chamado Cova da Iria?

—E' verdade.

—Quantas vezes já te appareceu?

—Cinco vezes, sendo uma cada mês.

—Em que dia do mês?

—Sempre no dia treze, excepto no mês de Agosto, em que fui presa e levada para a villa (Villa Nova d'Ourem) pelo senhor administrador. Nesse mês só a vi alguns dias depois, a dezanove, no sitio dos Vallinhos.

—Diz-se que a Senhora te appareceu tambem o anno passado. Que ha de verdade a este respeito?

—O anno passado nunca me appareceu, nem antes de Maio deste anno; nem eu disse isso a pessoa alguma, porque não era exacto.

—Donde é que ella vem? Das bandas do nascente?

—Não sei; não a vejo vir de parte alguma; apparece sobre a azinheira e quando se retira é que toma a direcção do ponto do ceu em que nasce o sol.

—Quanto tempo se demora? Muito ou pouco?

—Pouco tempo.

—O sufficiente para se recitar um Padre Nosso e uma Avé Maria, ou mais?

—Mais, bastante mais, mas nem sempre o mesmo tempo; talvez não chegasse nunca para rezar o terço.

—Da primeira vez que a viste não ficaste assustada?

—Fiquei, e tanto assim que quiz fugir com a Jacinta e o Francisco, mas ella disse-nos que não tivessemos medo, porque não nos faria mal.

—Como é que está vestida?

—Tem um vestido branco, que desce quasi até aos pés, e cobre-lhe a cabeça um manto da mesma côr e do mesmo comprimento que o vestido.

—O vestido não tem enfeites?

—Vêem se nelle, na frente, dois cordões dourados que descem do pescoço e se reunem por uma borla tambem dourada á altura do meio do corpo.

—Tem algum cinto ou alguma fita?

—Não tem.

—Usa brincos nas orelhas?

—Usa umas argolas pequenas.

—Qual das mãos segura as contas?

—A mão direita.

—Eram um terço ou um rosario?

—Não reparei bem.

—Terminavam por uma cruz?

—Terminavam por uma cruz branca, sendo as contas tambem brancas. A cadeia era egualmente branca.

—Perguntaste-lhe alguma vez quem era?

—Perguntei, mas declarou que só o diria a treze de Outubro.

—Não lhe perguntaste donde vinha?

—Perguntei donde era e ella respondeu-me que era do Ceu.

—E quando foi que lhe fizeste essa pergunta?

—Da segunda vez, a treze de Junho.

—Sorriu-se alguma vez ou mostrou-se triste?

—Nunca se sorriu nem se mostrou triste, mas sempre séria.

—Recommendou-te, e aos teus primos, que rezassem algumas orações?

—Recommendou-nos que rezassemos o terço em honra de Nossa Senhora do Rosario, afim de se alcançar a paz para o mundo.

—Mostrou desejos de que no dia treze de cada mês estivessem presentes muitas pessoas durante a apparição na Cova da Iria?

—Não disse nada sobre esse assumpto.

—E' certo que te revelou um segredo, prohibindo que o descobrisses a quem quer que fosse?

—E' certo.

—Diz respeito só a ti ou tambem aos teus companheiros?

—A todos trez.

—Não o podes manifestar ao menos ao teu confessor?

A esta pergunta guardou silencio, parecendo um tanto enleada, e julguei não dever insistir repetindo a pergunta.

—Consta que, para te vêres livre das importunações do senhor administrador no dia em que fôste presa, lhe contaste, como se fôsse o segredo, uma cousa que o não era, enganando-o assim e gabando-te depois de lhe teres pregado essa partida: é verdade?

—Não é; o senhor administrador quiz realmente que eu lhe revelasse o segredo, mas, como não o podia dizer a ninguem, não lh'o disse, apesar de ter insistido muito comigo para que lhe fizesse a vontade. O que fiz foi contar tudo o que a Senhora me disse, excepto o segredo, e talvez por esse motivo o senhor administrador ficasse julgando que eu lhe tinha revelado tambem o segredo.

Não o quiz enganar.

—A Senhora mandou-te aprender a ler?

—Mandou, sim, da segunda vez que appareceu.

—Mas, se ella disse que te levaria para o Ceu no mês de Outubro proximo, para que te serviria aprenderes a ler?

—Isso não é verdade: a Senhora nunca disse que me levaria para o Ceu em Outubro, e eu nunca affirmei que ella me tivesse dito tal cousa.

—O que declarou a Senhora que se devia fazer ao dinheiro que o povo deposita ao pé da azinheira na Cova da Iria?

—Disse que o deviamos collocar em dois andores, levando eu, a Jacinta e mais duas meninas um delles, e o Francisco, com mais trez rapazes, o outro, para a egreja da freguezia. Parte desse dinheiro seria destinado ao culto e festa da Senhora do Rosario e a outra parte para ajuda duma capella nova.

—Onde quer a Senhora que se edifique a capella? Na Cova da Iria?

—Não sei: ella não o disse.

—Estás muito contente por Nossa Senhora te ter apparecido?

—Estou.

—No dia treze de Outubro Nossa Senhora virá só?

—Vem tambem São José com o Menino, e pouco tempo depois será concedida a paz ao mundo.

—Nossa Senhora fez mais alguma revelação?

—Declarou que no dia treze de Outubro fará um milagre para que todo o povo acredite que ella realmente apparece.

—Por que razão não raro baixas os olhos deixando de fitar a Senhora?

—E' que ella ás vezes cega.

—Ensinou-te alguma oração?

—Ensinou, e quer que a recitemos depois de cada mysterio do rosario.

—Sabes de cór essa oração?

—Sei.

—Dize lá...

—O' meu Jesus, perdoae-nos, livrae-nos do fogo do inferno e alliviae as almas do Purgatorio, principalmente as mais abandonadas.

OS PHENOMENOS DO DIA 13 DE OUTUBRO DE 1917

Numerosos e interessantes relatos do chamado «milagre de Fátima» foram publicados pela imprensa periodica e em folhetos na segunda quinzena de Outubro de 1917 e nos dois meses que se lhe seguiram. Apesar de ter tido a ventura de presenciar os acontecimentos assombrosos do dia 13 de Outubro de 1917 e de poder por esse motivo narrá-los minuciosamente, prefiro reproduzir aqui dois relatos desses acontecimentos redigidos por escriptores insuspeitos, um delles inedito, devido á penna scintillante do espirito intelligente e cultissimo do Sr. Dr. José Maria de Proença de Almeida Garrett, que se dignou fazê-lo a meu pedido dois meses depois, e o outro da auctoria do consagrado jornalista Sr. Avelino d'Almeida e publicado no numero 610, 2.ª série, de «A Illustração Portugueza».

O relato do Sr. Dr. Almeida Garrett é do teor seguinte:

"Vou relatar de uma maneira breve e concisa, sem phrases que velem a verdade, o que vi em Fátima no dia 13 de Outubro de 1917.

As horas a que me referirei são as que nessa epocha marcavam officialmente o tempo segundo a determinação do governo que unificara a nossa hora com a dos paizes belligerantes. Faço isto para maior verdade, pois não me era facil designar com precisão o momento em que o sol alcançou o zenith.

Cheguei ao meio-dia. A chuva que desde manhã cahia miuda e persistente, tocada de um vento agreste, proseguia, irritante, na ameaça de querer tudo liquefazer.

O ceu baço e pesado tinha uma côr pardacenta prenhe de agua, prenúncio de chuva abundante e de longa duração.

Quedei-me na estrada, ao abrigo da capota do automovel e um pouco sobranceiro ao local que diziam ser o da apparição, não ousando metter-me ao lamaçal barrento e pegajoso do campo frescamente lavrado. Estaria a pouco mais de cem metros dos elevados postes que uma tosca cruz encimava, vendo distinctamente em redor delles o largo circulo de gente que, com os guardas-chuvas abertos, parecia um vasto sobrado de broqueis.

Pouco depois da uma hora chegaram a este sitio as creanças a quem a Virgem (garantiam ellas) marcara logar, dia e hora da apparição. Ouviam-se os canticos entoados pelo povo que as cercava.

Numa determinada altura esta larga massa, confusa e compacta, fechou os guardas-chuvas e descobriu-se num gesto que devia ser de humildade ou respeito mas que me deixou surpreso e admirado, porque a chuva, numa continuidade cega, molhava agora cabeças, encharcava e ensopava. Disseram-me depois que esta gente, que acabou por ajoelhar na lama, tinha obedecido á voz de uma creança.

Devia ser uma e meia (treze e meia) quando se ergueu, no local preciso onde estavam as creanças, uma columna de fumo, delgada, tenue e azulada, que subiu direita até dois metros, talvez, acima das cabeças para nesta altura se esvair. Durou este phenomeno, perfeitamente visivel a olho nú, alguns segundos. Não tendo marcado o tempo da duração, não posso affirmar se foi mais ou menos de um minuto. Dissipou-se bruscamente o fumo e passado algum tempo voltou a repetir-se o phenomeno uma segunda e uma terceira vez. Das tres vezes, e sobretudo da ultima, destacaram-se nitidamente os postes esguios na atmosphera cinzenta.

Dirigi para lá o binoculo. Nada consegui ver além das columnas de fumo, mas convencido fiquei de que eram produzidas por algum thuribulo, não agitado, em que se queimava incenso. Depois pessoas dignas de fé affirmaram-me que era de uso produzir-se o acontecimento no dia treze dos cinco meses anteriores, e que nesses dias, como neste, nunca ali se queimara nada nem se fizera fogo.

Continuando a olhar o logar da apparição, numa espectativa serena e fria e com uma curiosidade que ia amortecendo, porque o tempo decorrera longo e vagaroso sem que nada activasse a minha attenção, ouvi o bruahahá de milhares de vozes e vi aquella multidão, espraiada pelo largo campo que se estendia a meus pés, ou concentrada em vagas compactas em redor dos madeiros erguidos, ou sobre os baixos socalcos que retinham as terras, voltar as costas ao ponto para o qual até então convergiram os desejos e ancias e olhar o ceu do lado opposto.

Eram quasi duas horas.

O sol momentos antes tinha rompido ovante a densa camada de nuvens que o tivera escondido, para brilhar clara e intensamente. Voltei-me para este iman que attrahia todos os olhares e pude vê-lo semelhante a um disco de bordo nitido e aresta viva, luminosa e luzente, mas sem maguar.

Não me pareceu bem a comparação, que ainda em Fátima ouvi fazer, de um disco de prata fosca. Era uma côr mais clara, activa e rica, e com cambiantes, tendo como que o oriente de uma perola. Em nada se assemelhava á lua em noite transparente e pura, porque se via e sentia-se ser um astro vivo.

Não era, como a lua, espherica, não tinha a mesma tonalidade nem os claros-escuros. Parecia uma rodela brunida cortada no nacar de uma concha. Isto não é uma comparação banal de poesia barata. Os meus olhos viram assim. Tambem se não confundia com o sol encarado atravez de nevoeiro (que aliás não havia áquelle tempo), porque não era opaco, diffuso e velado. Em Fátima tinha luz e calor e desenhava-se nitido e com a borda cortada em aresta, como uma tabula de jogo.

A abobada celeste estava ennevoada de cirrus leves, tendo frestas de azul aqui e acolá, mas o sol algumas vezes se destacou em rasgões de ceu limpo. As nuvens que corriam ligeiras de poente para oriente não empanavam a luz (que não feria) do sol dando a impressão facilmente comprehensivel e explicavel de passar por detraz, mas por vezes esses flocos que vinham brancos, pareciam tomar, deslisando ante o sol, uma tonalidade rosa ou azul diaphana.

Maravilhoso é que, durante longo tempo, se pudesse fixar o astro labareda de luz e brasa de calor, sem uma dor nos olhos e sem um deslumbramento na retina, que cegasse.

Este phenomeno com duas breves interrupções, em que o sol bravio arremessou os seus raios mais corusantes e refulgentes, e que obrigaram a desviar o olhar, devia ter durado cerca de dez minutos.

Este disco nacarado tinha a vertigem do movimento. Não era a scintillação de um astro em plena vida. Girava sobre si mesmo numa velocidade arrebatada.

De repente ouve-se um clamor, como que um grito de angustia de todo aquelle povo. O sol, conservando a celeridade da sua rotação, destaca-se do firmamento e sanguineo avança sobre a terra ameaçando esmagar-nos com o peso da sua ignea e ingente mó. São segundos de impressão terrifica.

Durante o accidente solar, que detalhadamente tenho vindo a descrever, houve na atmosphera coloridos cambiantes. Não posso precisar bem a occasião, porque já lá vão dois mêses passados e eu não tomei notas. Lembra-me que não foi logo no principio e antes creio que foi para o fim.

Estando a fixar o sol, notei que tudo escurecia á minha volta.

Olhei o que estava perto e alonguei a vista para o largo até ao extremo horisonte e vi tudo côr de amethysta. Os objectos, o ceu e a camada atmospherica tinham a mesma côr. Uma carvalheira arroxeada, que se erguia na minha frente, lançava sobre a terra uma sombra carregada.

Receando ter soffrido uma affecção da retina, hypothese pouco provavel, porque, dado este caso, não devia vêr as cousas em roxo, voltei me, cerrei as palpebras e retive-as com as mãos para interceptar toda a luz. Ainda de costas abri os olhos e reconheci que, como antes, a paisagem e o ar continuavam da mesma côr roxa.

A impressão que se tinha não era de eclipse. Vi um eclipse do sol, que em Vizeu, onde estava, foi total. A' medida que a lua marcha a esconder o sol, a luz vae-se acinzentando até que tudo se torna baço e negro. A vista alcan-

ça um pequeno circo, para lá do qual os objectos se vão tornando cada vez mais confusos até que se perdem no negrume. Baixa a temperatura consideravelmente e dir-se-á que a vida da terra se extinguiu. Em Fátima, a atmosphera, embora roxa, permaneceu transparente até aos confins do horisonte que se distingue e vê claramente, e eu não tive a sensação de uma paragem na energia universal.

Continuando a olhar o sol, reparei que o ambiente tinha aclarado. Logo depois ouvi um camponio que cerca de mim estava dizer com voz de pasmo: «esta senhora está amarella!„

De facto tudo agora mudara, perto e distante, tomando a côr de velhos damascos amarellos. As pessoas pareciam doentias e com ictericia. Sorri-me de as achar francamente feias e desairosas. Ouviram-se risos. A minha mão tinha o mesmo tom amarello. Dias depois fiz a experiencia de fixar o sol uns breves instantes. Retirada a vista, vi, após alguns momentos, manchas amarellas, irregulares na forma.

Não se vê tudo de uma côr uniforme, como se no ar se tivesse volatilisado um topasio, mas nodoas ou malhas que com o movimento do olhar se deslocam.

Todos estes phenomenos que citei e descrevi observei-os eu sossegada e serenamente sem uma emoção ou sobresalto.

A outros cumpre explicá-los ou interpretá-los.

Para terminar devo fazer a affirmação de que nunca, nem antes nem depois do dia treze de Outubro, vi eguaes phenomenos solares ou atmosphericos.„ [1]

O MILAGRE DE FÁTIMA

(Carta a alguem que pede um testemunho insuspeito).

Quebrando um silencio de mais de vinte annos e com a invocação dos longinquos e saudosos tempos em que convivemos numa fraternal camaradagem, illuminada en-

---

1 Algumas pessoas da Granja concorreram com a quantia de cincoenta mil réis, que foi entregue ao rev.º Parocho de Fátima, para a construcção de uma capella no local das apparições.

tão pela fé commum e fortalecida por identicos propositos, escreves-me para que te diga, sincera e minuciosamente, o que vi e ouvi na charneca de Fátima, quando a fama de celestes apparições congregou naquelle desolado ermo dezenas de milhares de pessoas mais sedentas, segundo creio, de sobrenatural do que impellidas por mera curiosidade ou receosas de um lôgro... Estão os catholicos em desaccordo sobre a importancia e a significação do que presenciaram.

Uns convenceram-se de que se tinham cumprido promettimentos do Alto; outros acham-se ainda longe de acreditar na incontroversa realidade de um milagre. Foste um crente na tua juventude e deixaste de sê-lo. Pessoas de familia arrastaram-te a Fátima, no vagalhão colossal daquelle povo que alli se juntou a 13 de Outubro.

O teu racionalismo soffreu um formidavel embate e queres estabelecer uma opinião segura socorrendo-te de depoimentos insuspeitos como o meu, pois que estive lá apenas no desempenho de uma missão bem difficil, tal a de relatar imparcialmente para um grande diario, "O Seculo,„ os factos que deante de mim se desenrolassem e tudo quanto de curioso e de elucidativo a êlles se prendesse. Não ficará por satisfazer o teu desejo, mas decerto que os nossos olhos e os nossos ouvidos não viram nem ouviram coisas diversas, e que raros foram os que ficaram insensiveis á grandeza de semelhante espectaculo, unico entre nós e de todo o ponto digno de meditação e de estudo...

O que ouvi e me levou a Fátima?

Que a Virgem Maria, depois da festa da Ascenção, apparecera a trez creanças que apascentavam gado, duas mocinhas e um zagalete, recommendando-lhes que orassem e promettendo-lhes apparecer alli, sobre uma azinheira, no dia 13 de cada mês, até que em Outubro lhes daria qualquer signal do poder de Deus e faria revelações. Espalhou-se a nova por muitas leguas em redondeza; voou, de terra em terra, até os confins de Portugal, e a romagem dos crentes foi augmentando de mês para mês a ponto de se juntarem na charneca de Fátima, em 13 de Outubro, umas cincoenta mil pessoas, consoante os calculos de individuos desapaixonados.

Nas precedentes reuniões de fieis, não faltou quem tivesse supposto vêr singularidades astronomicas e atmospherícas que se tomaram como indicio da immediata intervenção divina.

Houve quem fallasse de subitos abaixamentos de temperatura, da scintillação de estrellas em pleno meio-dia e de nuvens lindas e jámais vistas em torno do sol. Houve quem repetisse e propalasse commovidamente que a Senhora recommendava penitencia, que pretendia a creação de uma capella naquelle local, que em 13 de Outubro manifestaria, por intermedio de uma prova sensivel a todos, a infinita bondade e a omnipotencia de Deus. .

Foi assim que, no dia celebre e tão anciado; affluiram de perto e de longe a Fátima, arrostando com todos os embaraços e todas as durezas das viagens, milhares e milhares de pessoas, umas que palmilharam leguas ao sol e á chuva, outras que se transportaram em variadissimos vehiculos. desde os quasi prehistoricos até os mais recentes e maravilhosos modelos de automoveis, e ainda muitissimas que supportaram os incommodos das terceiras classes dos comboios, dentro dos quais, para percorrer hoje relativamente pequenas distancias, se perdem longas horas e até dias e noites! Vi ranchos de homens e de mulheres, pacientemente, como enlevados num sonho, dirigirem-se, de vespera, para o sitio famoso, cantando hymnos sacros e caminhando descalços ao rythmo delles e á recitação cadenciada do terço do Rosario, sem que os importunasse, os demovesse, os desesperasse, a mudança quasi repentina do tempo, quando as bategas de agua transformaram as estradas poeirentas em fundos lamaçais e ás doçuras do Outomno succederam, por um dia, os asperrimos rigores do Inverno... Vi a multidão, ora comprimida á volta da pequenina arvore do milagre e desbastando-a dos seus ramos para os guardar como reliquias, ora espraiada pela vasta charneca que a estrada de Leiria atravessa e domina e que a mais pittoresca e heterogenea concorrencia de carros e pessoas atravancou naquelle dia memoravel, aguardar na melhor ordem as manifestações sobrenaturais, sem temer que a invernia as prejudicasse, diminuindo-lhes o esplendor e a imponencia... Vi que o desalento não invadiu as almas,

que a confiança se conservou viva e ardente, a despeito das inesperadas contrariedades, que a compostura da multidão em que superabundavam os camponios foi perfeita e que as crianças, no seu entender privilegiadas, tiveram a acolhê-las as demonstrações do mais intenso carinho por parte daquelle povo que ajoelhou, se descobriu e rezou a seu mandado, ao approximar-se a hora do "milagre„ - a hora do "signal sensivel„, a hora mystica e suspirada ao contacto entre o Ceu e a terra ..

E, quando já não imaginava que via alguma coisa mais impressionante do que essa rumorosa mas pacifica multidão animada pela mesma obsessiva ideia e movida pelo mesmo poderoso anceio, que vi eu ainda de verdadeiramente estranho na charneca de Fátima? A chuva, á hora preannunciada, deixar de cahir; a densa massa de nuvens romper-se e o astro rei—disco de prata fosca—em pleno zenith apparecer e começar dançando num bailado violento e convulso, que grande numero de pessoas imaginava ser uma dança serpentina, tão bellas e rutilantes côres revestiu successivamente a superficie solar.

Milagre, como gritava o povo; phenomeno natural, como dizem sabios? Não curo agora de sabê-lo, mas apenas de te affirmar o que vi... O resto é com a Sciencia e com a Egreja.

UMA CURA EXTRAORDINARIA

(13 DE OUTUBRO DE 1917)

A' guisa de complemento destas ligeiras notas sobre as apparições, seja-me licito transcrever aqui uma carta endereçada a um amigo meu e publicada no numero de cinco de Outubro de 1918 do jornal «A Guarda», o semanario de maior assignatura nas duas Beiras. Expondo minuciosamente e com a mais escrupulosa exactidão as circunstancias de uma cura extraordinaria ligada com a historia das apparições, essa carta reveste uma dupla importancia, mercê da qual tem neste logar o seu natural cabimento.

E' do teor seguinte

A questão da origem e natureza dos acontecimentos extraordinarios de Fátima é, como se costuma dizer, uma questão completamente aberta.

A Egreja não se pronunciou ainda sobre elles. O campo está, pois, patente a todas as discussões. Qualquer pensador tem o direito de apreciar, como melhor lhe aprouver, esses acontecimentos, negando a sua origem sobrenatural, pondo-a em duvida ou admittindo-a, que a ninguem assiste o direito de o censurar.

O catholico não possue menos liberdade de apreciação e de critica no exame desta materia do que o atheu. E como todas as opiniões sinceras merecem deferencia e respeito, mórmente numa questão como esta, que ninguem até hoje conseguiu resolver satisfactoriamente, é justo que todos, respeitem a conclusão de um estudioso, mesmo os que a não perfilham, qualquer que ella seja, na investigação a que conscienciosamente proceder.

Os successos de Fátima constituem um phenomeno assombroso, incontestavelmente digno de estudo. Numa epocha em que a sciencia attingiu, por assim dizer, o seu apogeu, seria devéras para lamentar que esse phenomeno não se impuzesse á attenção daquelles que, pelo seu criterio e pela sua competencia, estão em condições de poder estudar com proveito e apreciar devidamente a origem e a natureza desse phenomeno, multiplo e complexo. Eu sei que illustres professores dos nossos mais altos institutos scientificos continúam dedicando a sua esclarecida attenção ao estudo dos phenomenos meteorologicos succedidos no dia treze de cada mês desde Maio a Outubro e ao grandioso phenomeno solar presenciado por mais de cincoenta mil pessoas, no dia treze de Outubro proximo findo, num dos planaltos da orla septentrional da serra de Minde.

Mas é absolutamente indispensavel que, no interesse da verdade, seja ella qual fôr, todos contribuam com a sua quota parte para a solução deste difficil problema, até hoje insoluvel, para a decifração deste singular enigma, até hoje impenetravel. E' o que intento fazer escrevendo-te esta carta e outorgando-te a liberdade de publicares o que te parecer conveniente.

Posto isto, era proposito meu principiar hoje a narra-

ção historica dos factos occorridos em Fátima, se não me perguntasses na tua ultima carta se já se tinham verificado curas extraordinarias que abonassem de algum modo a origem sobrenatural desses factos. Para satisfazer a tua legitima curiosidade passo a descrever uma das muitas curas de que tenho conhecimento, consummada e, segundo parece, definitivamente assegurada no dia treze de Outubro, no celebre local das apparições, aonde desde então, sem embargo das violencias brutaes e sacrilegas do fanatismo anti-religioso, sempre inimigo da verdadeira liberdade de crença, concorrem ininterruptamente centenas e milhares de pessoas de todos os pontos do paiz numa romagem piedosa e inoffensiva que edifica, commove e encanta.

Maria do Carmo, de quarenta e sete annos de edade, natural do logar do Arnal, freguezia de Maceira, concelho de Leiria, casada com Joaquim dos Santos, havia cinco annos que soffria de uma enfermidade bastante grave, que apresentava todos os symptomas caracteristicos da tuberculose. Na primeira phase da doença experimentava, de vez em quando, dores, aliás não muito fortes, na cabeça, no estomago e nos intestinos. Em principios de 1916 as dores aggravaram-se de um modo extraordinario. Eram contínuas e difficeis de supportar. Sentia-as então tambem nas costas e, ainda com mais intensidade, no peito. Ao mesmo tempo começou a padecer de falta d'ar. As mãos, os pés e o ventre incharam-lhe immenso. Suspeitava-se que tivesse um tumor no utero. Definhava e emmagrecia a olhos vistos. Trez meses depois não parecia a mesma pessoa, pois, de nutrida que era, tornara-se magra em extremo. Não podia pôr á cabeça nenhum objecto um pouco pesado pelas torturas que isso lhe occasionava. Tinha com frequencia vontade de vomitar, embora não vomitasse.

Quando tomava algum alimento e emquanto durava a digestão, augmentavam as dores de cabeça. As dores de estomago quasi que não lhe permittiam dormir.

Para não passar peor, comia muito pouco.

Sustentava-se exclusivamente ou quasi exclusivamente de leite.

Uma tosse funda e secca atormentava-lhe sem cessar o peito. A saliva sabia-lhe muitas vezes a sangue. Todos os

visinhos estavam persuadidos de que a infeliz se achava tuberculosa. Ella propria não deixava approximar de si os filhos com medo do contagio. Um individuo que conhecia perfeitamente a gravidade do mal, estando um dia a conversar com alguns amigos e vendo-a passar proximo, disse-lhes num tom de voz que não deixava margem a duvidas que ella estava irremediavelmente perdida, não devendo viver mais de quinze dias. Passava-se isto em meados de Julho do anno proximo findo.

Debalde procurou lenitivo para os seus incommodos nos recursos da medicina.

Pobre como era e não havendo medico senão a alguns kilometros de distancia, na Batalha, só alli foi uma vez com o marido consultar o distincto e habil clinico dr. Padrão. Os remedios que esse facultativo receitou não lhe produziram allivio algum.

Nestas circumstancias não alimentava nenhumas illusões ácerca da gravidade do seu estado e aguardava resignadamente a morte. Por essa occasião corria de terra em terra, de um extremo ao outro do paiz, a nova consoladora de que a Virgem Santissima desde o mês de Maio precedente apparecia todos os meses no dia treze a umas humildes creancinhas que apascentavam gado num local vulgarmente denominado "Cova da Iria„, pertencente á freguezia de Fátima, concelho de Villa Nova d'Ourem, a sete leguas de distancia de Maceira. Um clarão de suave esperança illuminou subitamente o seu espirito abatido e amargurado. Cheia de fé, invoca a Mãe de Deus e, para obter por sua intercessão a cura tão suspirada, faz a promessa de ir quatro vezes a Fátima, a pé e descalça. Escolheu o dia treze de Agosto para iniciar o cumprimento da sua promessa.

Mas o marido, aliás homem temente a Deus, considerando tal empreza uma verdadeira temeridade, oppoz-se á sua ida.

"Nós somos pobres—dizia elle á mulher—não dispomos de recursos para alugar um carro em que possas fazer a jornada sem perigos e com probabilidade de lá chegares viva. Tem paciencia, mas não te deixo ir.„

Na verdade o seu estado de fraqueza era tão grande

que se cansava immenso quando caminhava, por pouco que fôsse. A cerca de duzentos metros da casa de habitação possue um pequeno predio rustico. Havia muito tempo que era raro lá ir e, quando o fazia, precisava de se sentar um sem numero de vezes á beira do caminho para descansar. As filhas faziam toda a lida da casa, indicando e distribuindo a mãe os diversos serviços, sem poder ajudá-las, como desejava, por lhe minguarem as forças. Insistiu, porém, tanto com o marido que este, vendo a sua inabalavel confiança, accedeu ás suas porfiadas instancias e resolveu-se a acompanhá-la.

Veio finalmente o dia treze de Agosto, tão ardentemente esperado. A' uma hora da madrugada desse dia a doente põe-se a caminho em companhia do marido, que continuava a considerar semelhante jornada como uma temeridade e uma loucura. Descansou varias vezes no percurso.

Eram nove horas da manhã quando chegou ao local das apparições. Estava bastante extenuada, sentia muitas dôres, toda ella, segundo a sua propria expressão, era uma dôr. Alguns instantes depois, com grande surpreza, experimentou notaveis allivios.

Sentou-se á sombra de uma grande e copada azinheira, onde tomou algum alimento, e alli se conservou até ás trez horas da tarde, pondo-se então novamente em marcha. No regresso as dores eram menos intensas e não se sentia tão fatigada como á ida.

De dia para dia as melhoras accentuavam-se cada vez mais. Entretanto começou a tomar alimentos solidos, mas o seu principal alimento continuava a ser o leite. Em treze de Setembro voltou pela segunda vez a Fátima, não lhe causando a viagem tanto incommodo como em treze de Agosto. De cada vez que lá ia rezava o terço do Rosario tanto na ida como na volta, não conversando nem prestando attenção ás conversas das pessoas que a acompanhavam.

A partir desse dia melhorou ainda mais.

Já trabalhava um pouco em casa e ia com menos difficuldade á fazenda. A treze de Outubro partiu de manhã cedo como das outras vezes, mas antes de chegar á Fátima

surprehendeu-a a memoravel chuva torrencial que assignalou aquelle dia de Outomno. Apesar de se ter molhado toda, ensopando a chuva a roupa que vestia, sentiu-se perfeitamente bem no local das apparições. As dores desappareceram para não mais voltarem. A intumescencia do ventre e dos membros superiores e inferiores desappareceu egualmente, como que por encanto. Tendo regressado a casa, desde esse dia até hoje come de tudo, a qualquer hora do dia ou da noite, e, por mais indigestos que sejam os alimentos, não experimenta o mais leve incommodo. Não tornou a sentir falta d'ar. Trabalha muito e pode pôr á cabeça fardos pesados como antes da doença. Nunca mais teve tosse. Está gorda, sente-se forte e gosa de excellente saude. No dia treze de Novembro foi de novo á Fátima afim de agradecer a sua cura á Virgem do Rosario.

Eis a narração mais exacta possivel, sem prejuizo de algum erro insignificante de detalhe, da doença e da cura de Maria do Carmo, narração redigida em face do processo verbal a que procedi de motu proprio no dia doze de Fevereiro, em Maceira, na presença de varias testemunhas fidedignas e nomeadamente do marido, os quaes todos confirmaram a exactidão do seu depoimento. Não cito nomes de testemunhas, posto que a isso esteja auctorisado, porque todos os habitantes da freguezia estão intimamente convencidos de que a cura daquella enferma não se pode explicar de modo nenhum pela acção das forças da natureza. Poder-se-á considerar realmente essa cura como sobrenatural? Não me compete a mim dizê-lo: é á sciencia e sobretudo á Egreja. Será facil estabelecer com segurança o seu caracter sobrenatural, depois de decorridos tantos meses e não tendo havido provavelmente uma observação medica tão minuciosa como convinha? Ignoro-o, nem com isso me preoccupo. O meu intuito é simplesmente chamar a attenção das pessoas sérias e cultas, quaesquer que sejam os seus principios religiosos ou as suas opiniões ácerca da indole dos acontecimentos de Fátima, para estes e outros factos que se me antolham dignos de especial estudo, porque talvez possam contribuir para se determinar claramente a natureza desses acontecimentos. Serão elles o resultado de meras illusões dos sentidos, especialmente

da phantasia? Serão uma mystificação habilmente architectada pelo poder das trevas? Serão obra de Deus? E' o que importa averiguar, sem ideias preconcebidas e sem **parti pris**, como convem a um critico consciencioso e imparcial.„

O DIA 13 DE OUTUBRO DE 1919

(DOIS ANNOS DEPOIS)

Tinhamos escripto já este ligeiro relato do que se passou em Fátima no dia treze de Outubro de 1919, e hesitavamos em dá-lo á publicidade, quando o fallecimento da pequena Jacinta, uma das pastorinhas de Fátima, veio de novo trazer á tela da discussão este problema que parecia um pouco esquecido.

Nossa Senhora appareceu, realmente, em Fátima?

A esta pergunta não pode, como é natural, dar-se já uma resposta concreta e positiva, quer num sentido quer noutro.

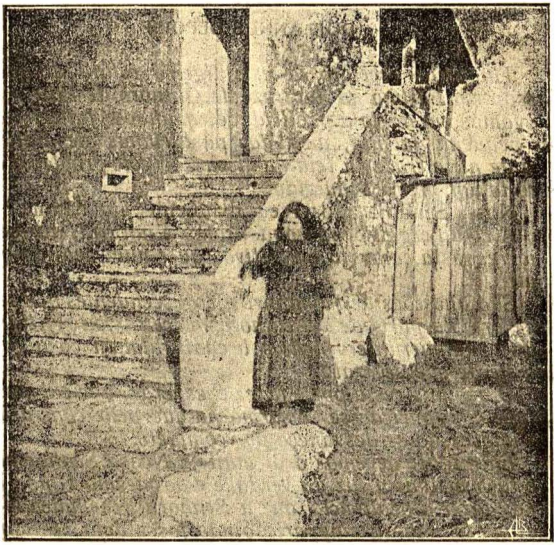
São questões de tal maneira transcendentes que seria temerario da parte de um catholico acceitar ou rejeitar, in limine, *qualquer intervenção sobrenatural num caso como aquelle de que se trata.*

O que nos resta pois fazer é esperar pacientemente ou que a apparição se confirme ou que pelo contrario a sua impressão se desvaneça por completo.

Entretanto devemos orar muito a Nosso Senhor para que faça brilhar a luz da verdade e ao mesmo tempo devemos fazer a penitencia que a Senhora recommendou e que, muito embora a apparição não fosse uma realidade, nem por isso deixa de ser necessaria e tantas vezes lembrada por Deus, desde os famosos tempos de Ninive até á gruta de Massabielle.

E ao mesmo tempo que vamos orando convem recolher imparcialmente todos os factos occorridos sem preoccupações de qualquer especie e unicamente no intuito de esclarecer e fundamentar uma opinião, seja ella qual fôr.

Porisso nos resolvemos a dar á publicidade este singelo relato, a que accrescentaremos algumas notas soltas muito edificantes sobre a morte da humilde e innocente Jacinta.



LUCIA DE JESUS, PROTAGONISTA DAS APPARIÇÕES

A CAMINHO DE FÁTIMA

Raiou o dia treze de Outubro de 1919.

Na aldeia, aonde eu tinha chegado de vespera, o relogio da torre marcava no seu mostrador, ennegrecido pelo tempo, dez horas e meia da manhã (hora official).

Longas fiadas de nuvens pardacentas corriam brandamente no ceu, parecendo annunciar uma daquellas medonhas trovoadas, acompanhadas de fortes aguaceiros, que são tão frequentes no principio do Outomno.

Percorrendo com a velocidade de sessenta kilometros á hora a distancia que me separava de Villa Nova d'Ourem, cheguei a esta importante povoação do districto de Santarem ás onze horas em ponto. Na vespera os jornaes de grande circulação, nas suas correspondencias da provincia, annunciavam para o dia seguinte desusada concorrencia de peregrinos e curiosos á terra das apparições, á estancia do mysterio e do prodigio, á famosa e seductora Fátima.

Effectivamente assim succedia. Era o segundo anniversario da sexta e ultima apparição aos pequenos videntes de Aljustrel e do assombroso phenomeno solar que elles tinham predito com uma certeza mathematica e que cerca de sessenta mil pessoas de todas as classes e condições sociaes e de todos os pontos do paiz tiveram a ventura de presenciar.

Ainda está na memoria de todos o echo formidavel que esse acontecimento inaudito produziu em toda a imprensa portuguesa, que delle se occupou largamente.

Na estrada de Villa Nova d'Ourem á povoação de Fátima, que fica a doze kilometros de distancia, o movimento, logo ao sahir da villa, é extraordinario. Os habitantes assomam ás janellas ou apparecem nas varandas ou ás portas de suas casas para contemplar o espectaculo interessante e commovente que se depara a seus olhos maravilhados. Vêem-se numerosos grupos de pessoas, umas a pé, outras a cavallo. Vehiculos de todos os tamanhos e de todos os modelos pejam litteralmente a estrada. Aqui são homens e mulheres do povo que caminham vagarosamente e em silencio. Além é uma familia de distincção que vae commodamente installada num trem de luxo. Mais adiante um

illustre official do exercito guia uma *charrette*, que conduz algumas pessoas de sua familia.

Depois passa um automovel, que sobe rapidamente a encosta. Os grupos de peregrinos a pé, as filas de carros, as tradicionaes burricadas, as fiadas interminaveis de bicycletes, os carros de bois, os trens e os automoveis isolados circulam cada vez em maior numero, á medida que o vehiculo que me transporta se approxima vertiginosamente da cumeada da serra.

São onze horas e meia quando chego ao pé da egreja parochial de Fátima.

Bastantes peregrinos, fatigados do caminho, descansam á beira da estrada, perto da egreja. Faltam ainda trez kilometros para terminar a minha viagem, junto da modesta capella, erecta ao lado da azinheira sagrada. No resto do percurso, o movimento de peões, cavalleiros, trens e automoveis é assombroso. Os peregrinos das povoações mais proximas, satisfeitas as exigencias da sua piedade, já vão regressando aos seus lares para se entregarem aos trabalhos do campo, que se encontram então em plena actividade, especialmente a vindima e a apanha do figo.

Outros retiram, porque são de longe, tendo perdido a noute na viagem.

Fizeram a sua visita, cumpriram as suas promessas e voltam para suas casas, porque não foi a curiosidade, mas só o dever e a devoção o que os attrahiu áquella estancia privilegiada.

Achamo-nos neste instante no alto da serra. Áquella hora da manhã e naquella altitude elevada, a temperatura é ainda, como não podia deixar de ser em tal estação, extremamente baixa: sente-se frio. O *side-car* em que viajo tem difficuldade em abrir caminho por entre a mole immensa de povo, que enche a estrada. A buzina toca sem cessar e a marcha do vehiculo, até então vertiginosa, afrouxa consideravelmente.

E' notavel o silencio, a compostura e o recolhimento de toda aquella interminavel vaga humana.

Dir-se-ia que ella tem a intuição viva e profunda de que o solo que pisa é sagrado e de que uma atmosphera de sobrenatural a envolve e satura. De todas as estradas,

caminhos e atalhos afflue gente. Mas eis que a cerca de duzentos metros, do lado direito da estrada, se avista, no fundo dum valle, uma multidão immensa. Estamos, pois, no celebre local, vulgarmente chamado *Cova da Iria*, e agora conhecido como o logar das apparições da Rainha do Ceu. A linda capellinha ergue-se, já perto de nós, ao lado da azinheira, em que pousaram os pés da celeste visão, ostentando as suas paredes de uma alvura purissima e erguendo para o alto, como uma supplica perenne, o seu rustico mas gracioso telhado de telha encarnada.

Em torno della estão ajoelhadas, em fervorosa prece, mais de quinhentas pessoas. Aqui e acolá, dum e doutro lado da estrada e por toda a vasta encosta, á sombra das carvalheiras, não se vêem senão vehiculos de todas as especies e numerosos grupos de romeiros a descansar ou a comer os seus farneis, num silencio e gravidade inspirados pela devoção e pelo respeito do local.

Cantando e rezando!... Bemdito e louvado seja

E' quasi meio-dia. Por entre nuvens, que sem cessar perpassam no firmamento, o sol apparece de quando em quando e dardeja sobre as nossas cabeças os seus raios vivissimos. Um grupo de peregrinos vem-se approximando processionalmente do local. São cerca de cem pessoas: homens, mulheres e creanças. Alguns homens vestem opas, conduzindo um delles á frente um pendão, em que se vê um painel com a imagem da SS.ma Virgem. Emquanto caminham, rezam devotamente o terço do rosario, em voz alta. De espaço a espaço, nos intervallos dos mysterios, um côro de vozes argentinas entôa maviosos canticos em honra de Nossa Senhora. Pergunto donde vem aquella procissão e dizem-me que é do logar das Covas, limite da Caranguejeira, freguezia do Alqueidão da Serra. A procissão pára junto da capella. Alguns peregrinos entram nella e um delles reza o terço alternadamente com os circumstantes. Parte da multidão está de joelhos, a outra parte de pé. A todo o momento chega gente. Ponho-me a percorrer o local. Um pouco afastado da multidão, um individuo, de

aspecto venerando, modestamente vestido, está sentado no chão, de mãos postas, desfiando as contas do seu rosario, sem prestar attenção ao que se passa em torno delle.

Entretanto centenas de boccas cantam o commovente cantico popular ao Augustissimo Sacramento da Eucharistia, o *Bemdito e louvado seja.*

DUAS CURAS

Um homem do povo approxima-se de mim e conta-me a simples mas tocante historia da sua cura. Chama-se Manuel Antunes Carvalho e tem 45 annos de edade. Durante a sua narrativa a commoção embarga-lhe por vezes a voz e as lagrimas, grossas como punhos, deslisam-lhe a fio pelas faces. Antes da sua doença tinha vindo quatro vezes a Fátima. E' a primeira vez que alli volta depois da sua cura. Veio com a mulher e quatro filhos cumprir a promessa que fizera para a obter.

Momentos depois passa diante de mim um homem novo, de maneiras decididas, para o qual me chamam a attenção. Pergunto-lhe por que motivo veio á Fátima. Responde com uma evasiva, por suspeitar que eu o interrogava para troçar delle. Vae a retirar-se sacudidamente. Algumas pessoas conseguem convencê-lo de que me acho presente para colher informações destinadas á publicidade. Então volta confiadamente sobre os seus passos e descreve-me a cura de um filho que poucos meses antes julgara perdido sem remedio. Chama-se Verissimo dos Reis Ambrosio e reside na freguezia do Pedrogam, concelho de Torres Novas. Diz que estando um seu filho de nove annos em perigo de vida, só com a pelle e o osso, havia já dois meses, a mãe e a avó materna prometteram ir a Fátima agradecer a cura da creança, se Nossa Senhora houvesse por bem conceder-lhes essa graça. A creança curou-se completamente e alli estava agora, muito gorda e respirando saude, ao collo da mãe, que entretanto se approximara para m'a mostrar.

Um fogueteiro agradecido!...

De repente, a cerca de cincoenta metros da capella, um foguetão sobe aos ares e estraleja a enorme altura, produzindo um estampido formidavel, semelhante ao de um tiro de canhão, que se repercúte por montes e valles, ao longe e ao largo, fazendo-se ouvir a muitas leguas de distancia. A este foguetão succedem-se mais vinte.

Em torno de mim, algumas pessoas, ignorando o motivo daquella salva, manifestam o seu desagrado pela profanação do local das apparições com semelhante scena, que tanto contrastava com o silencio e recolhimento da multidão. Extranham e lamentam que o clero se alheie por completo do que alli se passa, porque decerto sob a sua direcção taes factos não se dariam.

Receiam que as edificantes manifestações de fé, que com tanta frequencia se repetem alli, venham a transformar-se, com o decorrer do tempo, em vãos e ruidosos folguedos de arraial. Se a auctoridade ecclesiastica, diziam essas pessoas, aliás respeitosamente e sem espirito de critica, tivessem alguma ingerencia no desenrolar dos acontecimentos de Fátima, não teria permittido essa descabida manifestação de regosijo, que representava uma irreverencia e um desacato, ou pelo menos teria impedido que ella se realisasse tão perto do venerando padrão dos sucessos maravilhosos. Com um caderno e um lapis na mão dirijo-me ao homem que deitara os foguetões e pergunto-lhe o nome. Elle perfila-se, muda de côr, formalisa-se todo e responde-me num tom sacudido e breve: "Se o senhor é auctoridade e vem para me prender por ter deitado os foguetões sem licença, não me importo de pagar a multa ou de ir para a cadeia. Cumpri a minha promessa e agora estou por tudo." Tranquilliso-o sem demora, assegurando-lhe que o meu intuito é simplesmente saber se tinha dado a salva de vinte e um tiros em cumprimento de alguma promessa. Então recobra animo, a sua physionomia alegra-se e illumina-se e, cheio de enthusiasmo, põe-se a narrar, numa linguagem singela mas eloquente, a sua tocante historia.

Proprietario duma fabrica de polvora e fogo de artifi-

cio numa importante freguezia do concelho do Porto de Moz, vivia com sua mulher e filhos entregue ás occupações da sua profissão e gosando de perfeita saude. No principio do mês de Julho ultimo começou a soffrer duma grave doença gastro-intestinal. Os socorros da medicina de nada lhe valeram. De dia para dia o seu estado aggravava-se cada vez mais.

Debalde os distinctos facultativos Padrão, da Batalha, e Neves, de Alcobaça, prodigalisaram á sua cabeceira os recursos e desvelos do seu saber e da sua experiencia. Perdidas todas as esperanças humanas da cura dos seus males, receando deixar, com a sua morte, os filhos na miseria, volta se, cheio de confiança, para Aquella que é justamente chamada a Consoladora dos afflictos e a Saude dos enfermos e invoca o seu patrocinio, promettendo, se obtivesse a cura, ir deitar em Fátima, no logar das apparições, uma salva de vinte e um foguetes-morteiros, cada um do preço de um escudo, preparados de proposito para esse fim. Feita a promessa, principia a sentir melhoras e pouco tempo depois acha-se completamente restabelecido. Veio á Fátima acompanhado da mulher, da sogra, de um filho e um sobrinho, agradecer essa graça a Nossa Senhora e cumprir a promessa.

SENHOR DEUS!... MISERICORDIA!...

E' meio-dia e trez quartos.

Uma mulher com uma fogaça á cabeça dirige-se de joelhos para a capella. Rodeiam-na varias pessoas, que a muito custo lhe abrem caminho por entre a multidão compacta que se comprimia em torno do padrão popular commemorativo das apparições.

Pouco depois um homem bem trajado, com um filho ao collo e seguido pela mulher com as lagrimas nos olhos encaminha-se tambem para a capella.

Entretanto a procissão das Covas reorganisa-se e põe-se em marcha para a egreja parochial. Junto da capella, uma mulher do povo reza o terço alternadamente com os circumstantes. De tempos a tempos ouvem-se estas supplicas commoventes que partem do fundo d'alma:" Senhor

Deus, misericordia!„; "Senhor, escutae a minha oração e chegue até vós o meu clamor!„

Um cavalheiro do logar das Marruas (Torres Novas), que apparenta ter uns cincoenta annos, encontra-se a pequena distancia do logar onde eu estou. Impressiona-me a sua attitude. Dir-se-ia a estatua do soffrimento confortado pela fé. Pes-oas que o conhecem contam-me a sua dolorosa historia. Nos fins de Janeiro do corrente anno um insulto apopletico entorpeceu-lhe os membros inferiores e produziu-lhe na larynge uma grave paralysia, que lhe extinguiu por completo a voz. Caminha com difficuldade e apoiado a uma bengala. Veio á Fátima, espelando com fé viva a sua cura. Approximo-me, faço-lhe varias perguntas e dirijo-lhe algumas palavras de conforto. A commoção apodera-se delle e o pobre ancião chora alto e convulsivamente como uma creança. A esposa que se encontra a seu lado chora tambem mas em silencio, tentando carinhosamente animá-lo.

LUCIA, A VIDENTE

E' já uma hora. De bocca em bocca corre a noticia de que a pastorinha Lucia, tida como a privilegiada da Virgem, e principal protagonista das apparições, vem a caminho da Cova da Iria e está já perto. Ouve-se um sussurro estranho e a multidão agita-se cada vez mais. Innumeras pessoas precipitam-se ao encontro da vidente. Ella avança com difficuldade e dirige-se para a capella, onde reza o terço alternadamente com o povo.

De quando em quando, ao longe, na estrada, ouve-se a buzina dum automovel que chega. A multidão é enorme, Formam-se diversos grupos, que rezam o terço em voz alta. Junto da capella uma rapariga ora fervorosamente, invocando cheia de confiança a Rainha da paz.

TEMOS HOMEM!

Nesta altura tomo conhecimento doutro caso extraordinario. Trata-se dum rapaz que veio á Fátima agradecer as suas melhoras a Nossa Senhora. Chama-se Laurentino

Carreira Poças. E' filho de Adriano Carreira Poças e de Joanna Carreira Rebella Poças e tem quatorze annos de edade. Natural do Reguengo do Fétal, foi o anno passado para Leiria, onde tinha obtido collocação como caixeiro, numa loja de fazendas. De compleição debil, começou a sentir-se doente e o seu mal estar aggravou-se tanto que o patrão resolveu mandá-lo para casa, afim de se tratar, convenientemente. Ao chegar ao fundo da escada da sua residencia desmaiou e cahiu desamparadamente no chão, devido ao seu estado de fraqueza. O dr. Pereira, que o tinha tratado durante a sua estada em Leiria, enviou por elle uma carta para um tio de nome Francisco Carreira Poças, na qual dizia que o sobrinho estava tuberculoso. Sua mãe, logo que elle chegou, fez a promessa de ir á Fátima, e dar a volta de joelhos á capella com uma offerta á cabeça, se elle melhorasse.

O pobre rapaz sentia uma forte pontada no peito, do lado direito, até á altura do pescoço. Estava prohibido de fazer qualquer esforço. A sua magreza era extrema. Não podia brincar. O seu unico desejo era estar sempre em descanso. Actualmente não sente mal algum. Veio em bicyclete desde o Reguengo do Fétal, que fica a duas leguas de distancia, trazendo um rapazito deante de si no guiador do vehiculo. Na vespera tinha feito tres meses que havia chegado doente a casa. Ha mês e meio o dr. Pereira tornou a vê-lo em Leiria, onde elle foi consultá-lo, e disse que o achava muito melhor, proferindo estas palavras textuaes que exprimiam ao mesmo tempo surpreza e satisfação: "Temos homem!"

SALVA DA PESTE!

Encontro de novo o pequeno grupo que pouco antes vira entrando para a capella.

São marido, mulher e um filho. O marido chama-se José Antonio Motta e tem 31 annos de edade. A mulher chama-se Maria do Espirito Santo Motta e tem a edade do marido. São naturaes do logar dos Vargos, freguezia do Paço, concelho de Torres Novas. A mulher esteve muito doente com um ataque de bronco-pneumonia durante cer-

ca de um mês, em Outubro e Novembro do anno passado. O marido viu-a um dia tão mal que receou perdê-la e por esse motivo voltou-se para a Fátima, invocou Nossa Senhora do Rosario e fez a promessa de ir com a familia áquella povoação e dar uma esmola em harmonia com as suas posses, se a mulher se curasse.

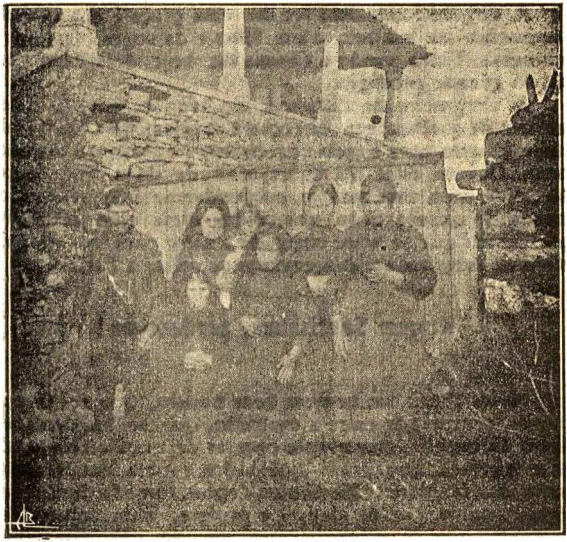
A Virgem Santissima fez-lhe essa graça e elle veio em companhia da mulher, d'um filho e da sogra, cumprir a promessa. Tinha vindo á Fátima faz hoje dois annos, no dia do grande prodigio.

A um metro de distancia, do lado da estrada, vê-se avançar de joelhos, em direcção á capella, uma mulher do povo. E' uma hora e meia: precisamente meio-dia astronomico. Devem estar presentes mais de duas mil pessoas. Ao pé de mim uma mulher, profundamente impressionada com tudo quanto tinha observado, dizia com intimativa que, ainda que se visse obrigada a sahir para fóra do paiz, havia de fazer toda a diligencia para voltar á Fátima.

Virgem Santissima, perdoae-me!

Nesta altura um homem bem trajado, que acabava de chegar, rompe por entre a multidão, que se apinhava em torno da capella, comtempla com ar de troça e compaixão os peregrinos que oram ajoelhados e pára em frente da porta do santuario. Momentos depois, tomado duma commoção intima, cae de joelhos e profere, num soluço, esta supplica que os circumstantes ouviram distinctamente: "Virgem Santissima, perdoae-me!„, ficando durante muito tempo em recolhimento profundo.

Um official a cavallo avança com precaução por entre o povo a alguma distancia da capella. Pergunto quem é e dizem-me que é o administrador do concelho. Observa com attenção tudo quanto succede e passeia constantemente dum lado para o outro. Parece-me ter empenho em não faltar aos deveres que a correcção impõe a uma pessoa intelligente e bem educada, apesar das ideias avançadas que me dizem possuir.



LUCIA DE JESUS E SUA FAMILIA

MORRERÁ A JACINTA?!

Chega ao pé de mim Jacinta de Jesus Marto, uma das videntes de Aljustrel, acompanhada pela mãe. Ambas trajam rigoroso lucto por motivo do fallecimento de Francisco Marto, irmão da Jacinta, que tambem teria sido favorecido com a visão da Virgem e que até ao ultimo suspiro sustentou sempre a verdade das suas narrativas. A pequena está esqueletica. Os braços são de uma magreza assombrosa. Desde que sahiu do hospital de Villa Nova d'Ourem, onde durante dois mezes se esteve tratando sem resultado, anda sempre a arder em febre. O seu aspecto inspira compaixão.

Pobre creança! Ainda o anno passado cheia de vida e saude, e já hoje, como uma flor murcha, pendendo á beira do sepulchro! A tuberculose, depois dum ataque de bronco-pneumonia e duma pleurisia purulenta, mina-lhe desapiedadamente o debil organismo. Só um tratamento apropriado num bom sanatorio é que poderia talvez salvá-la. Mas seus paes, comquanto não sejam pobres, não podem fazer face ás avultadas despezas que esse tratamente exige.

Bernadette, a humilde zagala de Lourdes, ouviu da bocca da Immaculada, que se dignou apparecer-lhe nas rochas de Massabielle, a promessa de que a faria feliz, não neste mundo, mas no outro.

Teria a Virgem feito identica promessa á pastorinha da serra de Minde, a quem communicou um segredo, que a vidente a ninguem pode revelar?

Assim os soffrimentos de Jacinta de Jesus, supportados com resignação christã, serão para ella uma fonte de merecimentos, que hão de tornar mais brilhante e preciosa a sua coroa de gloria no Ceu.

TERRA ABENÇOADA!

Juntamente com a peregrinação das Covas, que regressa da egreja parochial, vem uma rapariga que soffria de uma grave enfermidade e cuja cura, atribuida á intercessão de Nossa Senhora de Fátima, tem sido o assumpto das conversas de todos os romeiros nos ultimos mezes.

Muitas pessoas a acompanham, ouvindo da sua bocca a narração dos episodios da sua doença e da sua cura.

Está já perto da capella. Approximo-me, rompendo a custo por entre a multidão que a envolve num circulo apertado.

Passo a interrogá-la. Chama-se Maria da Conceição, tem 21 annos de edade, e é filha de Francisco Correia e Maria dos Anjos Correia e natural e moradora no logar da Carreirancha, freguezia do Alqueidão da Serra, districto de Leiria. Tem dois irmãos e quatro irmãs, que vivem com ella na casa paterna

Móra num dos extremos do logar, na parte mais alta. Ha sete annos soffreu dum forte ataque de grippe e, não se tendo tratado como devia, o estado geral da sua saude resentiu-se immenso. Alguns meses depois de ter tido a grippe sobreveio-lhe uma meningite cerebro-espinal, sendo tratada durante esta grave doença pelo dr. Padrão, da Batalha. Os remedios que tomava não lhe produziam allivio algum. Sentia dores violentas na cabeça, no peito e nas pernas. Uma tosse funda e sêcca atormentava-lhe constantemente o peito. Ha cerca de trez annos e meio deitou sangue com abundancia pela bocca durante quinze dias consecutivos. O sangue deixou de correr depois de instantes supplicas a Nossa Senhora. Muita gente, vendo o seu estado de fraqueza e abatimento, dizia que ella estava condemnada a morrer em breve, victima da tuberculose. Durante os ultimos sete meses esteve de cama, paralytica, mal se podendo mover. As dôres que experimentava eram horriveis. Não descansava nem de dia nem de noite, porque a violencia das dôres não lhe permittia conciliar o somno. Porém, no meio dos seus atrozes soffrimentos, nunca perdera a confiança na protecção da Santissima Virgem, de quem esperava inabalavelmente a sua cura.

No dia 23 de Março do corrente anno, á tarde, disse á familia que Nossa Senhora lhe tinha apparecido e assegurado que dois dias depois, ás 9 horas da manhã, se poderia levantar do seu leito de dôr, recommendando-lhe que fosse á Fatima e promettendo-lhe que se havia de curar com o uso da terra do local das apparições. Contra a expectativa da familia, que se recusava a prestrar credito ao

que ella dizia, suppondo-a victima de uma allucinação, no dia 25, á hora marcada, a doente levanta-se, com grande estupefacção de todos, e, montando a cavallo, parte para a Fátima. Tendo regressado a casa, depois de satisfeitas as suas devoções e de dadas as devidas acções de graças, começa uma novena. Rezando o terço e uma estação cada dia e applicando a terra do local das apparições dissolvida em agua como remedio para uso externo e interno, sente-se curada no fim da novena. Actualmente caminha sem difficuldade, não se cansa com o trabalho, nem sente dôres. Todos os meses desde então tem ido á Fátima, no dia treze, excepto no mês de Setembro, agradecer a Nossa Senhora a sua cura. Manuel Pastilhas e Maria de Jesus, de Boiceiros, e outras pessoas, que a acompanham, affirmam tê-la visto num estado lamentavel, paralytica e extremamente magra.

OUTRA CURA

Em torno de mim comprime-se uma multidão enorme. Todos querem ouvir a narração da cura de Maria da Conceição, mas é impossivel. A custo consigo romper o circulo de ferro que me aperta. Um homem do povo dirige-se a mim e conta-me a traços largos a interessante historia da sua cura. Chama-se Antonio d'Oliveira Dias, tem 58 annos de edade e reside no logar dos Carrascos, freguezia do Paço, concelho de Torres Novas. Soffria havia doze annos, duma pharingite chronica, rebelde a todo o tratamento. Os medicos eram de opinião que nunca se curaria radicalmente. Em treze de Outubro de 1917 tinha vindo á Fátima e presenciado o estupendo phenomeno solar. Em Novembro desse mesmo anno fez a promessa de ir á Fátima agradecer a Nossa Senhora a sua cura, se ella se dignasse alcançar-lhe essa graça por que tanto suspirava. A partir dessa data, apesar de não fazer nenhum tratamento, foi melhorando pouco a pouco e, passado um anno, em Novembro de 1918, achou-se completamente curado.

SANGUE RUIM!

Um grupo interessante de quatro pessoas—uma senhora e tres meninas—chama a attenção dos circumstantes. Veem agradecer a Nossa Senhora a cura, de que uma dellas foi objecto. São mãe, duas filhas e uma afilhada.

Residem em Lisboa, na Rua de D. Estephania, n.º 115, 3.º. A mãe chama-se D. Amelia Julia dos Santos, viuva de Carlos Alberto dos Santos. Uma das filhas, a mais velha, é a protagonista deste commovente episodio. O seu nome é Maria Manuel dos Santos e tem 25 annos de edade. Esteve quatro annos como alumna no Collegio de S. Pedro d'Alcantara tendo entrado em 1910 e sahido em 1914. Pertence a uma familia rudemente provada pelo soffrimento.

Muitos parentes proximos teem morrido tuberculosos, entre elles um irmão com seis annos de edade. O pae morreu louco e um irmão enlouqueceu ha meses, encontrando-se actualmente no hospital dos irmãos de S. João de Deus, no Telhal.

Concluidos os estudos, sahiu do Collegio e foi para o Alemtejo, estabelecendo-se como professora particular em Arraiolos, aonde chegou no dia quatorze de Outubro de 1914. Poucos dias depois foi acommettida dum ataque de appendicite, retirando para Lisboa por conselho do medico a vinte e quatro do mesmo mês. Em Novembro do anno seguinte soffreu um segundo ataque e um terceiro em Março. A vinte e oito de Maio entrou para o hospital de D. Estephania, afim de ser operada. A operação teve logar a onze de Junho e foi feita pelos drs. Monjardim, Pinto Coelho e Medeiros. No fim do mês, a vinte e oito, sahiu do hospital, sendo conduzida num trem a sua casa. Esteve pouco mais dum mês em casa, voltando de novo para o hospital, a quinze de Agosto, porque o seu estado de saude se aggravara. Alli esteve até quatorze de Novembro, dia em que foi operada pela segunda vez. Entretanto começou de sentir uma dôr fortissima que tinha a sua localisação na perna direita, estendendo-se desde o quadril até ao joelho. Por vezes a violencia da dôr attingia o paroxismo, tornando-se insupportavel. Só conseguia sossegar á força de injecções.

Havia epochas em que não dormia durante noites consecutivas. A perna estava sempre encolhida e dobrada.

Eram-lhe applicadas extensões de ligaduras e gessadas. A febre era constante, mas não muito alta.

Definhava e emmagrecia de dia para dia. O apoetite desapparecera. Foram-lhe receitados varios tonicos—glycero-phosphato de cal, xarope iodotanico e strychnina, e injecções de diversas especies—arrenhal, cocodylato e dynamol.

A sua doença foi diagnosticada de coxalgia, proveniente de uma queda que a enferma dera, quando ainda creança, de um quarto para um terceiro andar pela escada. Quando succedeu esse desastre, contava onze annos de edade. Ficara apenas com a perna maguada e cheia de nodoas negras, que depressa se desvaneceram sem deixarem vestigios de lesão interna.

Os medicos eram de parecer que a acção do chloroformio e do ether, com que fôra anesthesiada por occasião das operações, tinha posto a descoberto a doença latente.

VIA DOLOROSA!...

Antes da segunda operação as dôres não eram tão fortes e a doente podia andar, embora com muita difficuldade. Morava então na Rua de Passos Manuel, proximo do Largo de Santa Barbara. Ficava a duzentos passos do hospital. Conservou-se em observação e tratamento durante um anno, estando ora tres meses no hospital, ora seis meses em casa.

Quando estava em casa, ia ao hospital fazer o tratamento, apoiando-se a uma sombrinha. Teve de internar-se no hospital umas cinco vezes, indo ora de trem, ora em maca. Depois de dois annos e meio de tratamento, no dia um de Novembro de 1916, por conselho dos medicos, sahiu do hospital de D. Estephania e foi para o Sanatorio do Outão, proximo de Setubal, na esperança de que o ar do mar trouxesse algum lenitivo aos seus padecimentos. Foi transportada até ao Terreiro do Paço num automovel da Cruz Vermelha. Passaram-na ao collo para o vapor que fez a travessia do Tejo. Do Barreiro foi levada nas mesmas condições para o comboio, em que seguiu para Setubal. Alli aguardava-a um automovel, que a conduziu ao Sanatorio.

NO SANATORIO

Nessa estancia esteve dez meses.

Durante o primeiro mês não se levantou da cama. Depois, com o auxilio de muletas, começou a andar a pé com a perna mettida num apparelho de gesso. Ao cabo de sete meses, declarou-se-lhe uma coxalgia tambem na perna esquerda. Sentiu uma dôr aguda na coxa, a perna principiou a encolher, vendo-se a infeliz menina obrigada a recolher á cama. A perna direita continuava immobilisada no apparelho de gesso e á perna esquerda foi adaptada uma bota de gesso. Como o medico que a tratava havia partido para França e o clinico que lhe succedeu na direcção do Sanatorio era especialista de doenças pulmonares e não de doenças osseas, a enferma tinha vontade de regressar a Lisboa. Entretanto o seu estado de saude peorou por motivo de uma infecção intestinal, que lhe sobreveio.

Uma doente sua amiga, que para ella fôra sempre uma desvelada enfermeira, compadecida do seu estado, escreveu á mãe uma carta, em que lhe dizia que fosse buscar a filha, porque ella estava a morrer.

A pobre senhora, com a alma alanceada de dôr, partiu sem demora para o Outão, afim de levar a filha para a capital, mas, como o medico se oppuzesse ao que justamente considerava uma temeridade, desistiu, por então, do seu intento, regressando sósinha a Lisboa. Passados cinco dias, por diligencias suas, uma enfermeira do hospital de D. Estephania seguiu para o Sanatorio, afim de ver se conseguia trazer a enferma para casa.

Por essa occasião uma professora de Lisboa costumava ir tres vezes por semana ensinar lavores ás creanças do Sanatorio.

Aproveitou-se um dos dias em que ella regressava á capital para que pudesse acompanhar a doente, que veio tambem acompanhada pela enfermeira já referida e por um enfermeiro do Sanatorio.

DE HERODES PARA PILATOS!...

No pateo do Sanatorio, um trem recebeu a enferma que foi transportada num taboleiro aos hombros de dois creados. No trem veio sempre ao collo da professora e da enfermeira. Uma das pernas estava mettida no apparelho e a outra na bota de gesso e entre talas. As dôres eram horriveis. A fraqueza era extrema. Qualquer movimento fazia-a desmaiar. Na estação de Setubal os seus tres companheiros de viagem transportaram-na do trem para o comboio com mil precauções.

Um individuo que seguia no mesmo compartimento, ajudou-a caritativamente a subir e a installar-se. Durante o trajecto perdeu os sentidos repetidas vezes.

A enfermeira, não lhe sentindo o pulso, affligia-se immenso com receio de que ella morresse durante a viagem. No Barreiro foi transportada em braços, desmaiada, do comboio para o vapor, e bem assim em Lisboa, do vapor para o automovel da Cruz Vermelha, que a conduziu a casa, já então na rua de D. Estephania. No caes a familia aguardava a sua chegada. Quando desembarcou, o rosto estava de uma pallidez cadaverica. As pessoas que a viam passar lamentavam, cheias de compaixão, a sua triste sorte. Umas diziam que ella estava morta, outras que estava ferida, outras finalmente que estava queimada. Na pequena maca do automovel foi conduzida até á cama, num terceiro andar.

Era o dia dez de Agosto. Por indicação de um pharmaceutico das relações da familia, mandou-se chamar o dr. Miranda, especialista de doenças osseas. Só oito ou dez dias depois é que esse medico poude visitar a doente. Logo que a viu, aconselhou-a a ir ao hospital á consulta, afim de se lhe pôr um novo apparelho. Ella assim fez. Foi etherisada para lhe poderem estender convenientemente as pernas. Como, porém, o apparelho não ficasse bem collocado e se quebrasse, não estando por isso a perna tão direita como era preciso, o medico mandou-a estar dez dias com uma extensão. Depois voltou para casa. Mais tarde, no dia seis de Julho de 1918, foi ao consultorio do dr. Miranda, na Avenida da Liberdade, para que elle lhe

puzesse, como effectivamente poz, outro apparelho, grande, desde os joelhos até ao estomago. Foi em maca num automovel da Cruz Vermelha, o qual esperou qne fosse posto o apparelho, transportando-a depois para casa. Conservou esse apparelho durante os meses de Janeiro e Fevereiro. Entretanto a enferma por intermedio das empregadas do hospital ia fornecendo ao medico informações acerca do seu estado. Pela Paschoa mandou-lhe pedir que lhe fosse applicar outro apparelho, porque ainda sentia dôres. O medico disse-lhe que havia de ficar sempre com dôres e aconselhou-a a que comprasse o cabedal preciso, pois elle se promptificava a fazer um apparelho, que ella devia usar durante toda a vida. Como o apparelho de gesso se tivesse partido e ella sentisse poucas dores quando elle estava em bom estado, pediu ao medico que substituisse aquelle apparelho por outro tambem de gesso. O medico accedeu a esse pedido, A doente foi, por isso, para o hospital, onde esteve quatorze dias certos. Entrou a doze de Março e sahiu a vinte e oito do mesmo mês, sexta feira santa. Foi e veio num automovel da Cruz Vermelha, ficando tres meses de cama com o mesmo apparelho.

A PIEDADE DE UMA IRMÃ

Por occasião da ultima apparição de Fátima, a treze de Outubro de 1917, sua irmã Lucia Maria Anna dos Santos, de vinte annos de edade, que estava a passar o verão no logar dos Carrascos, freguezia do Paço, concelho de Torres Novas, em casa de sua prima D. Amelia Estevam, foi com varias pessoas de familia áquella povoação da serra de Minde e assistiu aos phenomenos maravilhosos que alli se verificaram, pedindo com o maior fervor e na maior afflicção á Santissima Virgem que se dignasse curar a irmã. A cura da irmã era a sua grande preoccupação de todos os dias, de todas as horas, de todos os instantes. Era o seu mais ardente desejo, a graça que mais ambicionava, o favor do Ceu que supplicava com mais vivo empenho e com maior constancia. Já no dia treze do mês anterior tinha ido a Fátima e implorado ardentemente essa graça. Antes desse dia, ainda em Setembro, tinha pedido a um

primo seu, Julio Netto d'Almeida, que não se esquecesse de recommendar a sua intenção ás pastorinhas privilegiadas de Fátima. A treze de Outubro ella propria pediu ás videntes o auxilio das suas orações e prometteu que a irmã iria á Fatima agradecer a cura, se Nossa Seuhora se dignasse favorecê-la com essa graça. Entretanto continuava a orar a Nossa Senhora da Fátima, alimentando a esperança de vêr a irmã curada, apesar das graves crises por que ella passava e de todos perderem as ultimas esperanças de salvação.

"Uma cura extraordinaria!" Diz o medico...

A enferma, quando passados, tres meses em Junho, se tirou o ultimo apparelho, como a enfermeira se offerecesse para a levar ao collo até ao banho, recusou o offerecimento, dizendo que podia ir por seu pé. Um mês depois já andava sem se encostar a cousa alguma, embora com difficuldade. Foi depois para Fanhões, nas proximidades de Loures, regressando a Lisboa passados dois meses. Alli andava apoiada a uma bengala, vindo de lá a caminhar bem. Antes de sahir para Fanhões foi ao hospital.

O medico, ao vê-la, ficou estupefacto. Não queria crer que fosse a mesma pessoa. Interpellou-a, dizendo "O' rapariga, és tu?! Parece um milagre!„ E logo, como que reconsiderando, accrescentou: ""Um milagre, não; uma cura extraordinaria, um caso raro.„ Depois observou-a attentamente e disse que a achava boa.

Muitas pessoas das relações da enferma, que eram pouco crentes, diziam assombradas, que a sua cura parecia um milagre.

As pessoas de sentimentos religiosos que tinham conhecido bem o seu lastimoso estado não alimentavam duvidas a respeito do caracter sobrenatural da sua cura...

PEDI E RECEBEREIS!...

Por occasião das duas operações a enferma recebue os sacramentos. A irmã todos os dias ou quasi todos os dias, sobretudo depois dos acontecimentos de Fátima, re-

zava o terço do rosario e offerecia-o pela sua cura. A doente, por carta que a irmã escreveu dos Carrascos á mãe quando da sua ida a Fátima, soube da promessa que ella tinha feito e associara-se ás suas intenções, mas conformando-se resignadamente com a vontade de Deus e pedindo a Nossa Senhora o que fosse melhor para a sua alma.

COMO ERA BOM CONTINUAR AQUI!...

São tres horas menos um quarto.

Estão presentes mais de mil pessoas.

O movimento de vae-vem é extraordinario. Entretanto tomo conhecimento doutra cura. Maria José, de 50 annos, natural do logar da Ameixieira, freguezia de Fátima, casada com Antonio do Rosario, começou a soffer gravemente dos olhos no mês de Julho findo. Turvava-se-lhe a vista, vendo muito pouco. Tinha dores e prurido nos olhos. Prometteu, se melhorasse, ir de joelhos até junto da capella desde o ponto em que primeiro a avistasse. Sente-se effectivamente melhor, quasi de todo curada. Veio por isso cumprir hoje a promessa.

Olho em torno de mim. O espectaculo é soberbo. A multidão parece arrancar-se com difficuldade deste logar sagrado, a que ficam presos os corações. Desfructa-se aqui uma alegria suave e santa, uma consolação que não parece deste mundo. Respira-se o sobrenatural a largos tragos.

...Mas é preciso partir!...

São horas de regressar. O meu relogio marca quatro horas. Parto para a egreja parochial, que anda em reparações. Muitos peregrinos vão alli visitar Jesus Sacramentado e vêr as obras. Os operarios, quando ultimamente procediam á demolição de uma parte das paredes do altar-mór, descobriram uma estatua de Nossa Senhora com o Menino Jesus ao collo, de tamanho natural e em perfeito estado de conservação. A descoberta desta imagem causou sensação em toda a região e entre os peregrinos, tanto mais que tudo parece indicar que se trata de uma imagem de Nossa Senhora do Rosario.

De regresso a casa!...

Pelas estradas, que percorro e que vão cheias de romeiros de regresso a suas casas, vê-se o mesmo espectaculo da manhã, mas talvez ainda mais impressionante. Ao perto e ao longe. não se ouve senão a recitação cadenciada do terço do rosario, ou o canto da ladainha da Santissima Virgem, ou de hymnos populares em sua honra.

E quando, á noite, a sete leguas de Fátima, me dirigia, depois de jantar, para a estação de Payalvo, a fim de tomar o rapido de Lisboa, ainda pelas estradas se ouvia o Avé de Lourdes, cantado pelos peregrinos que, a pé ou a cavallo, suspiravam por chegar o mais depressa possivel aos seus lares distantes. onde nos serões do inverno, á lareira, irão recontar aos que tinham ficado as estupendas maravilhas da mysteriosa Fátima. E com o poeta repetirão, cantando cheios de fé e confiança na Augusta Padroeira de Portugal, as formosas e inspiradas estrophes, cujos sons os montes e valles da serra de Minde parecem repercutir ao longe:

Hoje... Mas hoje inda é estrella
Santa Maria!... Inda é Mãe!
Veio ao condado de Nuno
dizê-lo em terras de Ourem!

Quando Roma em culto alçava
Dom Nuno a throno de luz,
veio a Fátima sorrir-nos
a doce Mãe de Jesus!

Veio dizer-nos, na bruma
da nossa tarde sombria,
que ora do Ceu por nós velam
Frei Nuno e Santa Maria.

A FAMILIA DE FRANCISCO E JACINTA MARTO

A morte da pequena Jacinta

Como prometteramos, vamos agora dar aos leitores umas ligeiras notas sobre o fallecimento da pequena Jacinta, uma das videntes de Fátima, e seguidamente diremos tambem alguma cousa ácerca das nossas impressões do dia treze de Maio de 1920 que a inesperada prohibição da auctoridade veio pôr em destaque, produzindo effeito contraproducente.

E' crença geral entre o povo que toda a familia das creanças. assim como tambem estas, estão condemnadas a desapparecer dentro de pouco tempo, e accrescenta-se que isso lhes teria sido annunciado pela Senhora. Qualquer que seja o fundamento desta crença, o certo é que o pequeno Francisco, irmão da Jacinta, já falleceu, a Jacinta tambem, o pae da Lucia da mesma forma, e a mãe esteve ha pouco tempo á morte, assim como tambem está muito mal uma irmã da Jacinta. (1)

Das tres creanças resta apenas a Lucia. que era a que conversava com a Senhora, segundo ella affirma.

A Jacinta, que era relativamente robusta, teve como dissemos, a pneumonica, donde lhe resultou uma pleurisia purulenta, seguida doutras complicações.

Tendo vindo a Fátima um distincto especialista da capital, e tendo observado a pequena, empenhou-se em que ella fosse para Lisboa, afim de ver se, por meio de uma operação, ainda era possivel salvá-la.

Buscou-se-lhe alojamento em casa dalguma pessoa abastada, mas nada se conseguiu.

Foi então hospedar-se na pobre morada duma modesta creatura, que a recebeu de bom grado, com grande contentamento da pequena, que tirada do seu meio provinciano, toda ella era acanhamento e confusão.

Para fazer a operação escolheu-se o hospital de D. Estephania.

Antes, porém, da creança recolher ao hospital, disse ella que a Senhora lhe havia novamente apparecido, asse-

---

(1) Falleceu no principio do mês de Maio findo

gurando-lhe que *morria*, e por isso a pequena achava que a operação era inutil.

Apesar disso, e muito embora ella teimasse que tudo era inutil, fez-se-lhe a operação que correu bem, comquanto sem exito feliz, como se viu.

Quatro dias antes de morrer, como a creança tivesse grande dôres e se queixasse, dizia-lhe a creatura que a havia recolhido e a quem tratava por *madrinha*, que supportasse com paciencia as suas dores, que isso seria muito agradavel a Deus.

Na manhã do dia seguinte disse-lhe então a Jacinta:

—*Olhe, madrinha! Eu já não me queixo! Nossa Senhora tornou-me a apparecer, dizendo que em breve me viria buscar—e que me tirava já as dôres!*

E de facto, desde esse dia até que morreu, segundo consta, não tornou a queixar-se nem deu mostras de soffrimento.

Succedendo a *madrinha* passar ou sentar-se ao pé da cama, não longe do sitio em que a Jacinta disse ter visto a Senhora—a vidente exclamou:

—*Tire-se dahi, madrinha, que ahi esteve a Senhora!...*

E a mesma preoccupação se lhe apresentava quando alguma enfermeira passava pelo mesmo sitio.

Como fossem ao hospital algumas pessoas, immodestamente vestidas, ou vê-la a ella ou ver outros doentes, e algumas enfermeiras apresentassem certos exaggeros no traje,—dizia indicando essas pessoas e referindo-se a determinados enfeites e decotes:

—*Para que serve aquillo!? Se soubessem o que é a eternidade!* . .

—Fallando de alguns medicos que ella julgava serem incredulos—lastimava-os, dizendo:

- *Coitados, mal sabem elles o que os espera!*

Affirmava a vidente que Nossa Senhora lhe havia communicado: *que o peccado que leva mais gente á perdição —era* **o peccado da carne**, *que era preciso deixarem-se de luxos*, que não deviam *obstinar-se no peccado como até aqui*, que era *preciso fazer muita penitencia.*

E parece que a Senhora ao dizer isto se mostrava muito consternada,—porque a pequena accrescentava:

Ai! eu tenho muita pena de Nossa Senhora! Tenho muita pena!

Emquanto esteve em casa, antes de ir para o hospital, vivia em companhia doutra pequenita, a quem ella recommendava muitas vezes—*que fosse muito obediente, que não fosse preguiçosa e que nunca faltasse á verdade.*

Pouco antes de morrer — perguntando-se-lhe se queria tornar a ver a mãe, respondeu: *que a familia della durava pouco tempo e que em breve se encontrariam no Ceu.*

Disse mais que Nossa Senhora—*devia ainda apparecer outra vez, mas não a ella, porque com certeza morria, segundo ella lhe disse.*

Pediu licença para se confessar, muito embora se tivesse confessado e commungado antes de entrar para o hospital.

Foi confessá-la o rev.mo prior dos Anjos, Dr. Pereira dos Reis, mas não teve tempo de lhe dar a communhão.

Entrou para o hospital no dia 2 de Fevereiro, e morreu no dia 20.

Depois de fallecer, alguem aventou a ideia de a transportarem para a terra da sua naturalidade e assim se fez, promovendo-se uma subscripção para esse fim.

Muitas das pessoas que a não tinham querido receber em sua casa, depois que a pequena morreu já todas se mostravam sollicitas em lhe prestar homenagem, até talvez com um bocadinho de exaggero,—o que provocou alguns reparos justos dum illustre sacerdote.

Esteve o cadaver da pequena na casa do despacho da egreja dos Anjos, aguardando a remoção para a estação e as necessarias formalidades, sahindo depois com grande acompanhamento,

Alguem notou a coincidencia de, quando sahiu o enterro, se achar na egreja o Dr. Domingos Pinto Coelho e algumas pessoas de familia, que por incidente alli haviam ido, e relacionou este facto com o celebre artigo escripto por sua ex.a em Outubro de 1917 que, apesar de orthodoxo, motivou reparos dalguma gente que ferve em pouca agua.

A pequena deixou dois segredos para uma pessoa que se tem interessado por este assumpto.

Em summa e em conclusão:

Deus permitta que a luz da verdade resplandeça sobre

este caso, não só pelo que elle possa ter de miraculoso — como pelas consequencias que dahi possam resultar para a regeneração espiritual desta nossa querida patria.

E entretanto, seja como fôr, vamos nós cumprindo a exhortação que a pequena atribue a Nossa Senhora — e que é, afinal, a doutrina da Egreja:

Façamos penitencia! Evitemos o luxo e o peccado da carne! Não nos obstinemos no peccado — para que não nos succeda como a alguns a quem a pequena se referiu, quando, dizendo-lhe a madrinha que era preciso tambem orar por elles, ella respondeu:

—*Pois sim, madrinha, mas esses já não teem remedio!*

O DIA TREZE DE MAIO DE 1920

O diluvio

Cheguei no dia treze de Maio ultimo, de madrugada, a Villa Nova de Ourem, debaixo duma carga de agua torrencial, entre o fuzilar dos relampagos e o ribombar dos trovões.

A' minha sahida de Lisboa corriam os boatos mais terroristas sobre o *caso de Fátima*. dizendo-se que era inutil a viagem, porque havia ordens terminantes para não deixar passar ninguem de Villa Nova de Ourem.

Por esse motivo, muitos, que tinham combinado vir comigo, não vieram, mas eu teimei e vim, quando mais não fosse, para ver o que havia de verdade.

Ao mesmo tempo que eu, chegaram duas senhoras, uma nova ainda, elegante e formosa, com uns grandes olhos côr de myosotis, filha de um antigo ministro da monarchia, e a outra de apparencia distincta, já de certa edade, e que me consta ser aparentada com uma das familias mais conhecidas da Beira, e nomeadamente da Guarda.

Coitadas! Debaixo daquella chuvada toda, que até fazia lembrar o versiculo genesiaco:

—*Et opertae sunt cataractae aquarum et fontes abyssi magni*, não se queixavam, tamanha era a sua fé e o seu enthusiasmo, e apenas as preoccupava a ideia de que as não deixariam chegar ao local das apparições!...

A arca de Noé

A muito custo lá conseguimos chegar a uma estalagemsita que fica mesmo em frente da egreja e que dá pelo nome de *Hospedaria da Maria Joanna*, e ahi descansámos um pouco, num canapé tremelicante, até romper o dia, pois a respeito de quartos era cousa que não havia.

Manhãsinha cedo, mal luziu o buraco, sentimos um grande tropel de cavallos.

Corremos á janella!

Era um esquadrão de cavallaria da guarda republicana, que marchava a todo o galope para a Fátima.

—Então sempre seria verdade?

Inquirimos da creada da locanda *o que havia... que se dizia por lá ..*

—A mesma incerteza .. Boatos!.. Boatos!...

Que havia infantaria. . cavallaria... metralhadoras... não sei que mais...

Uma offensiva em regra!

—Mas porquê, Santo Deus?!

Ninguem sabia explicar!... dizia a mulhersinha.

—Uma cousa já conseguiram elles:

De Ourem não vae ninguem á Fátima. Estavam todos os cairos alugados a 40$000 cada um. Pois foram todos dispensados com grande zanga do alquilador que é republicano esturrado e que não percebe por que razão se pode prohibir a um cidadão pacifico ir em passeio onde muito bem lhe appeteça!

De Thomar não vem ninguem pelo mesmo motivo!

Em muitos concelhos, segundo dizem, os respectivos administradores do concelho prohibiram a sahida dos vehiculos!!...

Estavamos nesta conversa quando nos appareceu um rapaz da J. C. de Lisboa, dono de uma typographia para os lados de Belem, e dahi a nada o Dr. Diniz da Fonseca que dormira na hospedaria, pois tinha alli vindo na vespera defender um reu numa audiencia geral.

Peço informações. Tambem não sabem. Que até á Fá-

tima parece que deixarão ir, dahi por diante não... *que ralha o Pae do Ceu!* ..

Tinha levantado a chuva! ..

Desço abaixo á rua e começo a ver passar carros, carroças, automoveis, *camions*, gente a pé, gente a cavallo, uma verdadeira romaria!..

—Ah! mas então para que diacho serviu a prohibição? começo eu a pensar...

Eu pensava que não encontraria ninguem e afinal vejo constantemente passar homens, mulheres e creanças... num verdadeiro corropio! .

E' uma interminavel fita de povo!

O Herodes de Ourem

Chars-à bancs enormes, puxados por machos guizalhantes, carregados de gente a rir pela estrada fóra, a rir como perdida da figura do administrador que eu vejo agora espécado no meio da rua..de palhinhas, muito embaçado... com um sorrisinho amarello a desfranzir-lhe as commissuras do labios... carroças engrinaldadas de flores e automoveis trepidantes com roquejar forte de sereias ou estridentes *arreda dos auto-boxes, camions* pesados e resfolegantes, com seus tejadilhos amplos repletos de farneis, e cortinas a dar... a dar..., *caleches e landaus* aristocraticos, modestas carripanas, mulheres e homens a pé, encharcados, enlameados, com os guarda-chuvas em funeral, escorrendo agua, mas satisfeitos, felizes, com cara presenteira, tudo isso desfilou deante de mim como uma longa fita cinematographica!...

Donde vinha tanta gente? De muitas partes, mas sobretudo de Torres Novas, dizem.

Afinal passava-se!. . de Ourem, pelo menos!

Mas que andaria o administrador com o seu *palhinhas* a cirandar dum lado para o outro?!...

Nova fita?!... Quem sabe?! ..

Eu queria seguir cedo para Fátima. Mas a missa?

Pergunto a que horas é na matriz:

A's 11!

Demais a mais, num dia tão caro, eu desejaria receber Nosso Senhor.

Deixo ir toda a gente e espero pela missa...

A caminho de Fátima

Depois de ouvir missa e commungar, almoço á pressa e sigo caminho de Fátima, subindo a ingreme ladeira que durante uns poucos de kilometros serpeia pelos cabeços de Ourem, até lá.

O panorama é surprehendente.

A terra cheia de verdura e empapada em agua brilha á luz dum sol envergonhado, fazendo negaça entre nuvens, ainda ameaçadoras de novas borrascas.

Por toda a parte á beira da estrada, casinhas rusticas afestoadas de rosas de toucar, numa profusão, como nunca vi.

Na parede que circumda um trigal ondeante, estrellado de papoulas e malmequeres, um rancho de petizes teve a delicada ideia de encher com flores campezinas todos os intersticios livres das pedras!

Vamos subindo sempre...

O Castello de Ourem, o Castello do Santo Condestavel, ergue para o Céu o seu perfil artistico, coroando o cume da montanha em que assenta.

Aqui são cabeços de matto encantadoramente boleados, arregoados de valles, cheios de verdura, onde serpeiam regatos fugitivos que a chuva da manhã tornára barrentos e apressados.

Passa veloz, vindo de cima, um automovel que deixa ver dum lado e doutro carabinas em leque, ameaçadoras...

E' o administrador do concelho... e a sua escolta!...

Não a veio fazer boa, diz um rapaz que nos segue em bicyclete, pedalando ..

Ha hora e meia já que vimos subindo ..

Fátima não está longe!...

Entram de novo a cahir pingas de agua...

Dahi a pouco tempo entravamos effectivamente no pequeno largo junto á egreja.

Por toda a parte carros, carroças e automoveis parados. Uma grande multidão de gente, alguns milhares de pessoas enchiam o largo e atulhavam a egreja. .

No meio da estrada forças de infantaria e cavallaria da guarda republicana impedem de passar adiante.

Por aqui não se passa!

Faltam ainda uns tres kilometros para chegar ao local das apparições.

Indago dos circumstantes se não tem passado ninguem.

Até ao meio dia passou toda a gente, mas depois veio o administrador do concelho e deu ordem em contrario.

Pergunto ao commandante da força se não se pode passar. Delicadamente elle informou:

—Até aqui tenho deixado passar, mas o administrador do concelho manda agora o contrario; tenho de cumprir as ordens.

Retrocedo e venho para o pé da enorme multidão que dentro da egreja e no alpendre, em volta, commenta o caso tristemente sem comprehender como é que ha perigo de ordem publica na Cova da Iria, e não o ha a tres kiiometros de distancia, sendo a gente a mesma!...

E' uma perfeita estupidez!...

Muita gente, não podendo seguir pela estrada, precipita-se ainda atravez dos campos, furtivamente, saltando muros, e lá consegue chegar até ao local da apparição, dando-se por muito feliz de poder ajoelhar na terra molhada e recitar devotamente o terço.

Será isto que põe em perigo o regimen?!...

Oração, communhão e penitencia!

Dentro da egreja o Dr. Cruz faz piedosas praticas, intercaladas com a recitação do terço e com canticos religiosos.

Ha muita gente ainda, que se confessa.

Uma senhora céguinha, vinda de ao pé de Aveiro, com grande sacrificio, caminha amparada ao hombro duma parenta, debaixo duma chuva impertinente que entra de novo a cahir.

Não se lastima, antes pelo contrario, bemdiz confiadamente a Deus e encaminha-se para a egreja.

Um individuo de barbas, que me dizem ser medico e muito edoso, explica a um grupo que o rodeia a razão providencial da prohibição.

Segundo lhe diziam, havia quem pretendesse começar a levar alli musicas, *fungágás*, foguetes, etc.

Ora a Senhora não quere nada disso.

Appareceu num descampado, precisamente porque quere ser alli amada e venerada em espirito, sem nenhuma dessas exhibições espectaculosas e barulhentas de arraial.

Oração, communhão e penitencia.

Isto e só isto, é o que ella quere!

Fazendo a prohibição, as auctoridades satisfazem inconscientemente os desejos da Senhora!

Chuva e peixe espada

A chuva cahia agora a potes outra vez...

E todos procuravam refugiar-se ou debaixo dos carros, ou debaixo do alpendre, que na egreja o apertão era já enorme.

Nisto vejo eu a guarda republicana de espadas desembainhadas descarregando pranchada a torto e a direito nalguns pacificos camponeses que de guarda-chuvas abertos olhavam melancholicamente para aquillo tudo... e que, surprehendidos da aggressão inesperada, desatavam a correr sem saber por que eram aggredidos.

Alguem se dirige aos guardas a indagar do que se trata... Queixam-se de que um homem do povo queria passar á força e, como o impedissem disso, os ameaçava, e dahi aquelle alvoroto em que pagava o justo pelo peccador, como succede quasi sempre.

Explicado o caso e restabelecida a tranquillidade, converso com alguns camponezes a quem prudentemente aconselho que se abstenham de passar, visto que é mais meritoria a obediencia a ordens mesmo injustas *desde que não offendam a nossa consciencia* do que a resistencia temeraria.

Um dos guardas republicanos diz-me então num assomo de sinceridade:

—Se o senhor soubesse o que me custa estar aqui!

Cumpro ordens e cumpro-as á risca: mas creia que cá por dentro, tudo isto me revolta!

Eu sou religioso, senhor, e não comprehendo que uti-

lidade haja em estar a prohibir essa pobre gente de ir rezar lá abaixo!... Isto até dá vontade de chorar!...

—Tenho uma irmã, que foi a *Senhora de Fatima* que lhe salvou a vida!

E de facto, pela cara tisnada do pobre guarda que alli estava cumprindo ordens, bem contra a sua vontade, deslisava vagarosamente uma gotta de agua que não era positivamente irmã daquellas que escorriam em borbotões do seu capuz de oleado, porque a chuva continuava a cahir teimosamente...

O fructo prohibido

Volto, e ia dirigir-me a casa do prior, cuja varanda á antiga portuguesa fôra tambem assaltada pelos que procuravam abrigar-se da chuva, quando vejo a minha companheira da manhã, franzina, delicada, com os seus olhos azues e scismadores, feita num pinto, chapinhando na lama, mas sempre alegre e despreoccupada, como se estivesse confortavelmente assentada nalgum *tea* elegante, bem abrigada e enroupada, e não debaixo daquelle diluvio.

E mostra-me uma estampasinha em gravura da Senhora de Fatima...

—Está alli! diz ella, e aponta-me a sachristia da egreja!...

E depois, baixinho, como que em segredo, rindo muito, com uma pontinha de malicia a illuminar-lhe os grandes olhos azues como o firmamento, accrescenta:

—E agora vou lá abaixo! . Ensinaram-me um atalho por onde se pode ir!... Atravessa-se o campo!... Mas hei-de ir!...

E lá abalou debaixo da chuva, encharcada até aos ossos, chapinhando na lama, mas sempre risonha, sempre feliz e contente por ir lá abaixo e pregar assim uma pirraçasinha aos Herodes da governança!...

—Oh! as mulheres quando ellas querem!. .

A fé do carvoeiro!

Entrei na sachristia a ver o que é que *estava alli.*

Era uma imagem da *Senhora de Fatima,* lindissima na verdade, que um devoto mandara de proposito fazer.

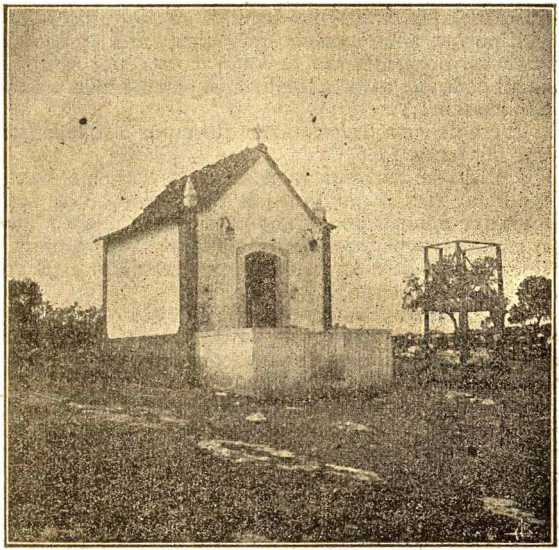
E porque a intolerancia das auctoridades a não deixava collocar no nichosinho da Cova da Iria, por isso a puzera ali para que os fieis, desfilando perante ella, a vissem e admirassem!...

E era de ver a devoção com que muita d'aquella pobre gente lhe rezava!

Eu não sei em verdade se no culto da gente humilde e ignorante entrará um pouco de paganismo ou de superstição, que é innata ao coração do homem desde a queda no paraiso terreal, mas como é admiravel de ingenuidade e de simplicidade a forma como, por exemplo, estes crentes rezam o seu terço!

Era o celebre Pasteur que dizia de si proprio ter a *fé, dum bretão,* mas que, se vivesse mais tempo viria a ter a *fé duma bretã,* ou como nós dizemos cá, *a fé do carvoeiro!...*

E os que, ás vezes, censuram a materialidade das devoções populares, não são os mesmos que enchem as salas de Madame Brouillard e outras bruxas mais ou menos celebres, que se deixam embair com duas cantigas dos Bernheim de pacotilha engendrados cada anno pelas nossas Universidades, e que se prostram reverentes perante as columnas do Templo, cobertos de aventaes e de triangulos com penduricalhos ridiculos ao pescoço, que deixam a perder de vista as fitinhas azues das filhas de Maria?!...



A CAPELLINHA COMMEMORATIVA DAS APPARIÇÕES

E' estupido!...

Mas a chuva continuava impertinente...

O cocheiro advertia que a estrada não estava boa e era preciso voltar mais cedo. .

Por isso, feitas as nossas devoções e as nossas despedidas até á primeira... voltámos caminho de Ourem para depois regressarmos a casa...

.....

Na estação, antes de tomarmos o comboio, encontrámos innumeras pessoas de diversos pontos do paiz que regressavam ás suas terras, como nós!...

Lá estava a Céguinha de Aveiro acompanhada por uma senhora do Porto, que apesar de terem estado ambas com os vestidos completamente molhados e serem ambas doentes, nada tinham soffrido e conservavam a mesma boa disposição. Lá estava um conhecido ourives de Lisboa, lá estavam muitas outras pessoas da capital.

Não tornei a vêr a minha companheira de olhos azues, que provavelmente lá ficou a caminhar por montes e valles até chegar onde *queria* chegar!...

E um honrado commerciante, republicano ao que parece, cobria de energicas invectivas o administrador do concelho, porque tolhia o progresso da terra e impedia o commercio de fazer o seu negocio!...

—E' estupido!... conclue elle...

—Imaginem vocês... que esta prohibição, só aos alquiladores de Thomar, Ourem e Torres Novas, deu mais de vinte contos de prejuizo!...

† Livros Católicos para Download

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CONCLUSÃO

Mas perguntará o leitor: "Nossa Senhora appareceu realmente em Fátima?„

Abstemo-nos adrede de formular o nosso juizo em assumpto tão delicado e melindroso.

Continuamos a manter-nos, como até aqui, em benevola expectativa.

Os factos—uma parte delles apenas, e sem duvida a menos importante,—ahi ficam narrados em toda a sua singeleza e com a mais escrupulosa imparcialidade.

Cada qual, seja crente ou descrente, tem o direito de pensar o que lhe aprouver ácerca da origem e natureza desses successos tão extraordinarios. Entretanto ninguem de bom senso deixará por certo de achar justa a exclamação proferida por um illustre advogado, que foi testemunha presencial das medidas arbitrarias e violentas adoptadas pela auctoridade administrativa para impedir o accesso ao local das apparições: "Palavra d'honra! Não acreditava, mas agora, desde que o governo prohibe que se vá lá, começo a crer que Nossa Senhora appareceu realmente em Fátima!„

ERRATAS

Na pag. 4, l. 20, onde se lê *num* deve ler-se *um*.
Na pag. 7, l. 6, onde se lê *districto* deve lêr-se *diocese*.
Na pag. 23, l. 6, onde se lê *corusantes* deve lêr-se *coruscantes*.
Na pag. 27, l. 8, onde se lê *ao* deve lêr-se *do*.
Na pag. 38, l. 13, onde se lê *io* deve lêr-se *fio*.
Na pag. 43, l. 11, onde se lê *um metro* deve lêr-se *alguns metros*.

† Livros Católicos para Download

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

INDICE DAS MATERIAS

	Pag.
As apparições de Fátima.	8
Interrogatorio dos videntes	12
Os phenomenos do dia 13 de Outubro de 1917 .	20
Uma cura extraordinaria	27
O dia 13 de Outubro de 1919	33
A morte da pequena Jacinta.	57
O dia 13 de Maio de 1920	60
Conclusão	70

INDICE DAS GRAVURAS

	Pag.
Nossa Senhora de Fátima	6
Os tres videntes de Fátima	11
Lucia de Jesus, protagonista das apparições. .	34
Lucia de Jesus e sua familia.	44
A familia de Francisco e Jacinta Marto . . .	56
A capellinha commemorativa das apparições. .	68

NOTA.—*Pede-se a todas as pessoas que tenham conhecimento de factos interessantes relativos ás apparições de Fátima ou de curas extraordinarias atribuidas á intercessão de Nossa Senhora do Rosario o favor de communicarem todos os esclarecimentos possiveis em carta fechada ao Visconde de Montello—«Empresa Veritas»—Guarda.*

Reservados todos os direitos de propriedade.